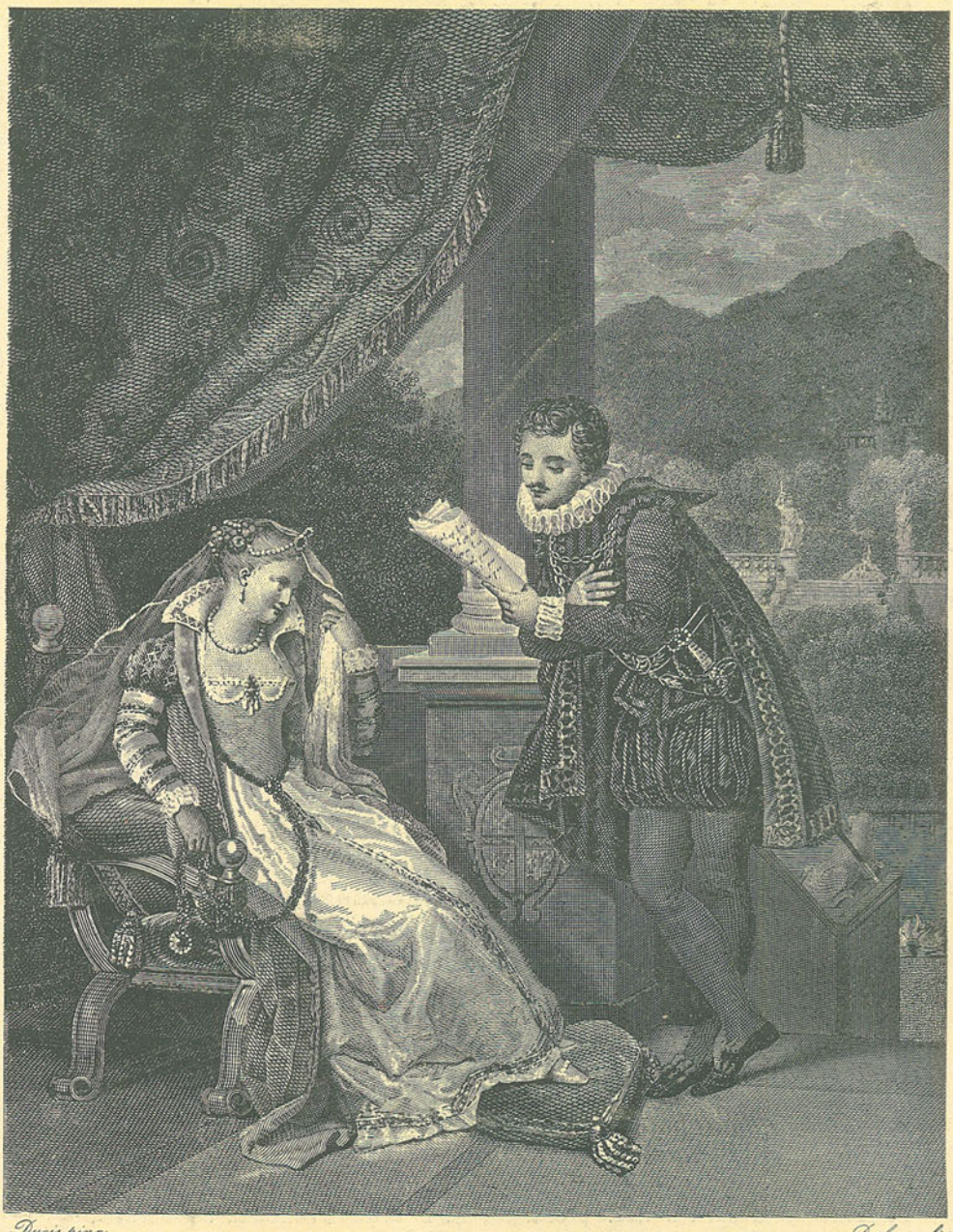
ILUSTRAÇÃO



Ducis pinx. Dorly sculpt.

A POESIA E O AMOR

Quadro de Ducis — Gravura de Dorly (Museu do Luxemburgo)

Torcato Tasso lendo à princesa Leonor d'Este um episódio da "Jerusalém Libertada" como pretexto para lhe confessar a sua ardente paixão

1-MARÇO-1937 N.º 269 — 12.º ano PREÇO - 5 escudos

O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis organizada por um grupo de professores e homens de letras

Á VENDA

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reune tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, **Esc. 30$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 33$00**

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

■

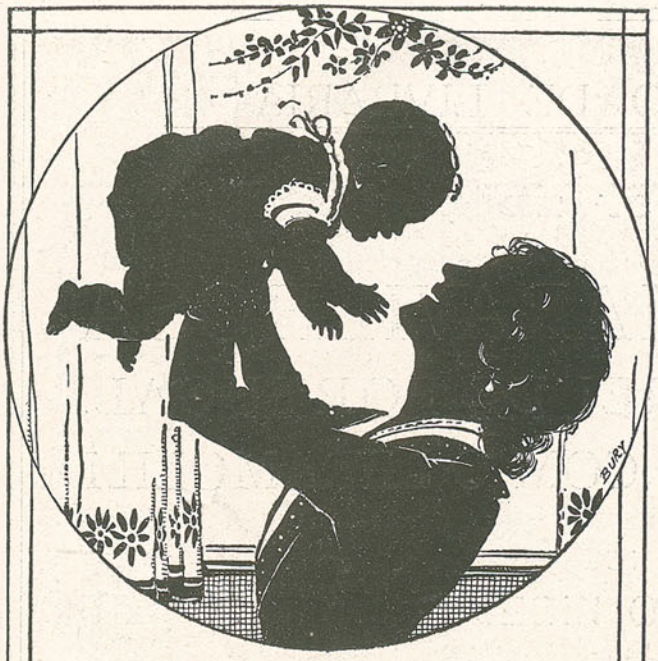
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 3o – Lisboa
Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Os bébés amamentados são os mais felizes e saudaveis

Todas as mãis que amamentam deviam tomar

'OVOMALTINE'

porque teriam a certeza de poder amamentar o seu filhinho

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. – BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:

ALVES & C.A (IRMÃOS) – RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º – LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem arthritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

Á venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — **Alexandre Herculano**, um volume. — **Antero de Figueiredo**, um volume. — **Augusto Gil**, um volume. — **Camões lírico**, cinco volumes. — **Eça de Queirós**, dois volumes. — **Fernão Lopes**, três volumes. — **Frei Luís de Sousa**, um volume. — **Guerra Junqueiro**, verso e prosa, um volume. — **João de Barros**, um volume. — **Lucena**, dois volumes. — **Manuel Bernardes**, dois volumes. — **Paladinos da linguagem**, três volumes. — **Trancoso**, um volume.

Cada volume brochado..... **12$00**
Cada volume encadernado.... **17$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Nenhum homem retinha o olhar em mim. Invejava nas outras raparigas os convites para os bailes, os «flirts» e os pedidos de casamento. E êste último nunca chegava... e eu sabia porquê! Tinha um rosto horrível. A minha pele estava coberta de pontos negros e de poros dilatados. Nada que experimentava me parecia sortir resultado. Foi então que, por conselho dum químico, experimentei o Creme Tokalon, Côr Branca, não gorduroso. Passados alguns dias tinha a pele mais fresca e mais clara. No fim duma semana, todo o poro dilatado e ponto negro tinha desaparecido; ficando a minha pele clara, macia e aveludada. Já não sou ciumenta. Agora todos os homens que encontro me cumprimenta.

O Creme Tokalon, Côr Branca, contém creme fresco e azeite predigeridos. Êstes infiltram-se nos poros e limpam-os das impurezas acumuladas no interior, o que o sabão e água não podem fazer. Por outro lado, outros preciosos elementos alimentam a pele, rejuvenescem-na e fecham os poros.

Tôda a senhora, mesmo de certa idade, pode ràpidamente obter uma pele fresca, clara e encantadora, de que tôda a rapariga se sente orgulhosa.

Á venda em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva para o Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 3.ª EDIÇÃO

AVENTURA MARAVILHOSA
DE D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL, DEPOIS DA BATALHA COM O MIRAMOLIM

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 páginas, com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**
Pelo correio, à cobrança **14$00**

Edição da LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

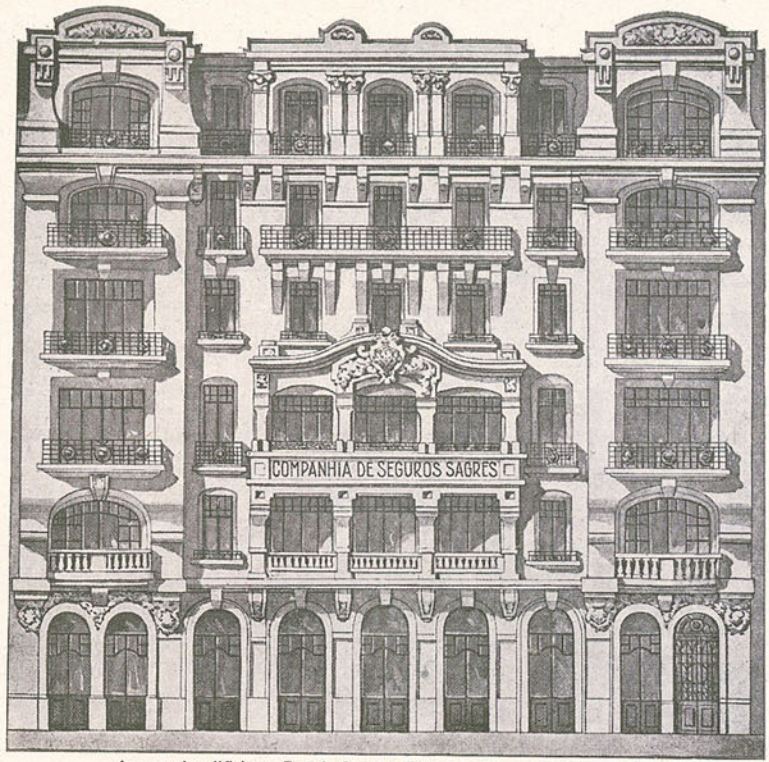
Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado.....	10$00
Eurico, o presbítero, (Romance). — 388 páginas, brochado.....	10$00
O monge de Cister, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado	20$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado.....	20$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado.....	96$00
Estudos sôbre o casamento civil — 284 páginas, brochado	10$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado.....	30$00
Composições várias — 374 páginas, brochado.....	10$00
Poesias — 224 páginas, brochado.....	10$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado.....	20$00
Opúsculos:	
Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas	
» II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas	
» III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas	
» IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas	
» V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas	
» VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas	
» VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas	
» VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas	
» IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas	
» X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas	
Cada volume, brochado.....	10$00
Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado.....	12$00

Com encadernação em percalina, mais 5$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAGRES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa, pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA
TELEFONES: 2 4171 — 2 4172 — P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000$00

Seguros de vida em tôdas as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 7.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **13$50**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE APARECER

LUIZ TEIXEIRA

Categoria Literária das Cidades

As cidades — Companheiros de viagem — Em cada terra uma atracção — Regresso — Conselhos e confidências a quem parte.

1 vol. de 242 págs., broch. . . . . **10$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA
o 5.º volume

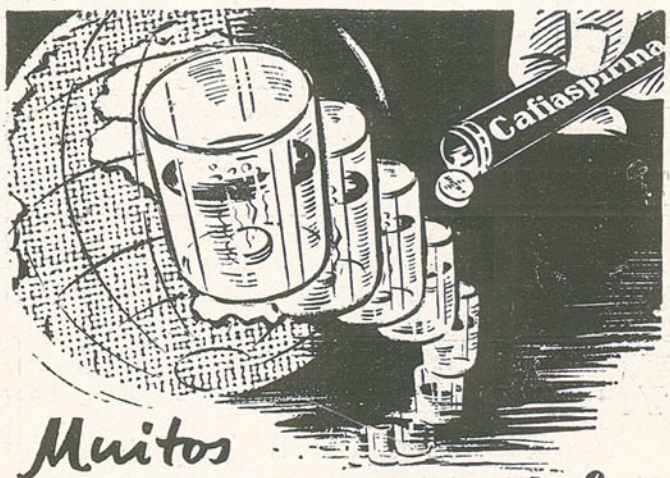
CAMÕES LÍRICO
(CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**
Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança..... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.
BAUME BENGUÉ
Apr. D. S. P. em 6-3-1913 sob o N.º 28
RHEUMATISMO-GOTA NEVRALGIAS
Venda em todas as Pharmacias



Muitos remédios num só tubo

São 15 os comprimidos de Cafiaspirina contidos na conhecida embalagem original.

Cada um deles actúa sôbre muitas espécies de dores. A Cafiaspirina é o remédio mundialmente empregado contra dores de cabeça, de dentes, de ouvidos, etc.. Milhões de pessoas a tomam no início dum mal-estar. Em milhões de lares existe na farmácia caseira, no lugar de honra. Siga êste exemplo adquirindo um tubo de Cafiaspirina.

Quanto mais depressa se reage contra o mal, menos êle **dura** e mais cêdo volta a boa disposição

BAYER

Cafiaspirina

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc.

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens.

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 12

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND
●
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535
N.º 269 — 12.º ANO
1-MARÇO-1937

ILUSTRAÇÃO
grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

PROFECIAS SOBRE O FUTURO DA EUROPA

ACREDITAM em profecias?

Pela nossa parte, não lhes damos grande crédito, embora muitas e muitas vezes se tenha dado o caso de se cumprirem fielmente.

Meras coïncidências?

Fala agora a célebre vidente, madame Zaepffel, que há mais de um ano anunciou, com espantosa precisão, a guerra civil em Espanha. À acreditada pitonisa, desabafando com um redactor da *Comoedia*, acaba de fazer mais largos vaticínios, que, em boa verdade, não são muito consoladores.

Diz ela, entre outras coisas, que "a guerra espanhola será muito longa, e que todos os países intervirão nela».

Em face da proïbição do envio de voluntários aplicada por tôdas as nações da Europa, não se compreende bem onde a famosa pitonisa parisiense quere chegar. Não podemos deixar de registar que o jornal democrata-cristão *L'Aube* declarou, a-propósito da atitude dos países europeus: "A infeliz Espanha não chegou ainda ao fim dos seus sofrimentos, mas, pelo menos, a partir de hoje, já não haverá reforços de carrascos».

Pois madame Zaepffel, dando largas às suas profecias, proclama que "exércitos de voluntários abrirão tôdas as fronteiras».

Referindo-se à Bélgica, ainda enlutada pelas trágicas mortes da rainha Astrid, e do rei Alberto, garante que êste adorável país "terá de sofrer outro luto cruel».

Longe vá o agoiro!

E, espraiando a vista privilegiada através dos Alpes, afirma vêr "Mussolini suspenso no tempo».

Com efeito, é uma bela frase que o próprio Gabriel D'Annunzio não desdenharia para qualquer das suas pomposas proclamações.

Diz ainda a ilustre vidente que "o exército alemão rodeia tôda a Rússia, num apertado cêrco», o que, no fim de contas, não seria muito difícil de descortinar, em face da ânsia que todos os países manifestam no sentido de conter a sanha selvática e destruïdora que Moscovo se empenha em desencadear sôbre o Universo. Ora, pelo que se tem visto, a Alemanha está sendo uma das nações que mais afoitamente enfrenta a onda bolchevista que tantos anos referveu nos antros do nihilismo, em vómitos negros de monstro bravio. Mas onde a pitonisa se torna mais interessante é quando afirma que "o que acaba de partir da Grã-Bretanha há de voltar como ditador, mais cedo do que possam imaginar!» "Eduardo VIII voltará para rasgar um papel que não compreendemos bem, e que nos querem fazer assinar!»

Depois, continuando nos seus vaticínios, diz que "em Junho, uma terrível tempestade cairá sôbre a França» e acrescenta enxergar "um pouco de sangue sôbre a calçada».

Como se vê, a famosa vidente está em maré de nos impressionar desagradàvelmente, à falta de melhor distracção.

"Teremos também — continua ela — uma nova moeda e um homem novo, muito novo, cuja ascenção ao poder assombrará o Mundo.»

Não explica o ponto donde surdirá essa espécie de Napoleão arvorado em Messias, mas salienta que "o Mundo sofrerá grandes fomes».

E remata com êste anátema terrível:

"Dentro de meio século, a França e a Inglaterra terão desaparecido!»

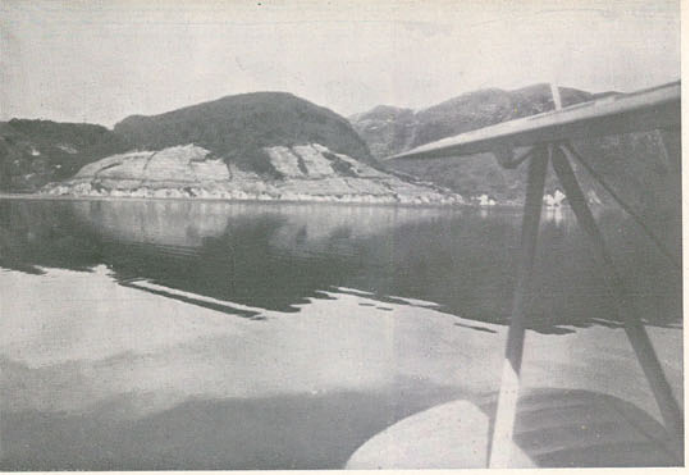
Francamente, francamente, a ilustre adivinha não é nada gentil para os dois países que mais franca hospitalidade lhe têm concedido. A nosso vêr, com os conhecimentos que parece ter com o Destino, sempre poderia amenizar um pouco a fatal sentença.

É inflexível o Destino?

Falou o oráculo!

E daí, pode ser que tudo se resolva pelo melhor. Mas se as profecias da terrível madame Zaepffel tiverem de cumprir-se, apelaremos, em último recurso, para aquela frase consoladora que rematava todos os juizos do ano dos velhos almanaques:

Deus super omnia!



O hidro-avião do «Bartolomeu Dias», foi o primeiro aparelho a amarar na Lagoa das Sete Cidades. (Cliché do 2.º tenente Bernardino Nogueira)

OS AÇORES E A MADEIRA

DE BORDO DO HIDRO-AVIÃO DO AVISO «BARTOLOMEU DIAS»

O Pico coberto de neve. (Cliché do 2.º tenente Bernardino Nogueira, a pilotar)

O último cruzeiro do aviso de 1.ª classe "Bartolomeu Dias» pelos arquipélagos da Madeira, Açores, Cabo Verde e Canárias, foi muito proveitoso sob todos aspectos.

Nos pontos visitados, o navio e a sua guarnição foram alvo de recepção calorosa e significativa. A oficialidade e marinhagem do "Bartolomeu Dias» soube merecer bem e corresponder a essas manifestações.

Mais uma vez a Armada Nacional, atravez dos seus elementos constitutivos, representou um elo precioso entre as diversas parcelas de território português dispersas pelo mundo.

Também êste cruzeiro proporcionou ao piloto do hidro-avião privativo do "Bartolomeu Dias», 2.º tenente sr. Bernardino Nogueira a realização de um admirável documentário fotográfico sôbre os encantos naturais da Madeira e dos Açores, documentário do qual podemos, graças à sua amabilidade, publicar hoje alguns dos aspectos mais curiosos.

O sr. 2.º tenente Bernardino Nogueira, que foi o primeiro aviador português a amarar nas lagôas das Furnas e das Sete Cidades, colheu com uma pequena máquina, e sempre sem deixar de pilotar, aspectos que nos dão a beleza inegualável dos nossos dois arquipélagos adjacentes. Desde o presépio do Funchal, semeado pela encosta exuberante da Madeira até ao encanto das águas serenas e espelhentas das lagôas açoreanas, a grandes altitudes, as fotografias do sr. 2.º tenente Bernardino Nogueira constituem um trabalho admirável até sob o aspecto da valorisação turística daquelas admiráveis regiões.

A Lagoa das Sete Cidades em dia enevoado. (Cliché do mecânico António Alexandre, com o 2.º tenente Bernardino Nogueira a pilotar)

Se assim não fôsse, poder-se-ia dizer de Portugal o mesmo que se dizia daquele opulento lavrador que, possuindo vastas herdades em vários pontos do país, não se dignava visitá-las, deixando correr o seu cultivo ao Deus dará.

Renascendo a Armada Nacional, Portugal poderá estar em permanente contacto com o seu vasto império ultramarino, e sentir-lhe as pulsações do seu coração e ouvir mais de perto os justos pedidos ditados pelas suas aspirações mais gratas. Se no tempo dos Descobrimentos foi necessária uma audácia formidável para afugentar Adamastores e descortinar paragens adustas que geração alguma tinha vislumbrado, hoje torna-se mais necessária ainda uma assistência constante de bons e generosos administradores para o engrandecimento da gloriosa herança que os nossos maiores nos legaram.

Por isso, Portugal vizita os seus territórios que tão legitimamente cultivou e soube engrandecer ante o assombro do mundo europeu, que, dos segrêdos do mar, apenas conhecia os que êle lhe segredava, numa toada irónica, ao borrifar-lhes as praias pacatas e ingénuas.

A cidade e o porto do Funchal, vendo-se fundeados os avisos «Bartolomeu Dias» e «Gonçalo Velho» e a canhoneira «Ibo». (Cliché do 2.º tenente Bernardino Nogueira, a pilotar)

A cidade de Ponta Delgada, vista por cima das nuvens. (Cliché do mecânico António Alexandre, com o 2.º tenente Bernardino Nogueira a pilotar)

Não devemos esquecer nunca que, antes do nosso infante D. Henrique ter subido ao promontório de Sagres, a Europa não fazia a menor ideia do que seriam as terras de Além-Mar, a não ser através de várias lendas urdidas em volta das fabulosas viagens de Ulisses e de Eneas que cada relator fantasiava por entre disparates, ao sabor da sua fantasia.

Nós, os portugueses, temos o orgulho de afirmar que se a orgulhosa Castela conseguiu dar a volta ao mundo, foi necessário que dessa temerária emprêsa se encarregasse o nosso Fernão de Magalhãis.

O 2.º tenente Bernardino Nogueira, ao comando do seu aparelho, fotografado pelo seu camarada Mexia Salema

Cabe-nos essa honra tão nossa, e por isso a hasteamos como um pendão glorioso.

O ilustre poeta Afonso Lopes Vieira deixou bem marcado êsse orgulho no seu formoso livro *Bartolomeu marinheiro*, quando escreveu aquela quadra que deveria ser esculpida em todas as escolas nacionais:

Que era o mar antigamente? Um quarto escuro,
Onde os meninos tinham medo de ir,
Pois hoje o mar é franco e è seguro
E foi um português que o foi abrir!

A' vela enfunada pelo vento propício, ostentando a Cruz de Cristo, sucedeu o hidro-avião portentoso que, à semelhança de uma águia, se eleva e paira sôbre os sagrados domínios de Portugal. E as formosas terras que "o generoso Henrique descobriu» sentirão, além do orgulho pelo passado, a satisfação de sentir sôbre o seu solo, em que cada pedra lhes evoca uma tradição, o latejar do coração de Portugal que lhes insuflou as sagradas energias da Raça lusitana.

Eis a razão da nossa afirmativa, ao garantirmos que o último cruzeiro do aviso de 1.ª classe "Bartolomeu Dias» pelos arquipélagos da Madeira, Açores e Cabo Verde foi muito proveitoso sob todos os aspectos.

NA CAPITAL DO REICH

Luiz Teixeira conversando com um schuppo de Berlim

Luiz Teixeira, ilustre escritor e jornalista, após a sau grande digressão pelas adustas paragens da Roda da batuque, *foi-se até à Alemanha, e do que viu e ouviu com a sua delicada sensibilidade de artista, nos dá conta no seu novo livro* «Categoria literária das Cidades».

Eis um dos trechos:

O *auto-car* parte velozmente e durante quatro horas fazemos a volta alucinada de Berlim. Um guia fardado, com bastantes amarelos e relativa elegância, muito usado certamente nesta ciceronagem da cidade, grita pelo megafono, de vez em quando, uns desarticulados palavrões em espanhol emigrante que ninguém entende. Vale-nos um livrinho, espécie de roteiro sintético, que traz em poucas linhas o itinerário destas viagens circulatórias pela capital da Alemanha. Tenho, às vezes, a impressão de que o pobre homem adormece. Disfarçadamente, num estremunhamento calmo, abre um ôlho, mira sem curiosidade a paisagem e num bocejo informa pelo canudo:

— A estátua de Lutero...

Lutero é uma personagem pouco conhecida no grupo do *auto-car*. Oiço do meu banco uma dama que lecciona as primeiras letras na província esclarecer solìcitamente um companheiro do lado:

— Cruzes! o Anti-Cristo...

Saborosa definição de mestre-escola. O desiludido de Roma parece meditar na pedra do seu monumento a última carta para Erasmo ou preparar a explosão das suas sinceridades sôbre a venda das indulgências divinas. Berlim parece estar agora contra Lutero e contra Roma, construindo um caminho diferente que não vai dar a S. Pedro nem a Wittenberg, mas, com certeza, ao Olímpo teutónico, onde preenchem seus ócios de desempregados Wotan, Baldur e as Walkirias...

O *auto-car* não pára; — Unter den Linden, Potsdamer Platz, porta de Brandenburgo, bosque Tiergarten, Castelo de Charlottenburgo...

O cicerone conhece tôda a gente de Berlim. Nos intervalos da sua sonolência perde o tempo em sorridentes saüdações para todos os transeuntes que passam perto.

Como cumpre êste roteiro todos os dias, os monumentos entram também já na rêde das suas relações de intimidade. E, assim, cumprimenta, com o mesmo carinho, o seu visinho Fritz, que atravessa a rua de bicicleta, e Frederico, o grande, que vive na Unter den Linden a sua eternidade sôbre um cavalo negro.

Quando aquilo trava e a volta termina, finalmente, sente-se uma estranha impressão sôbre as pálpebras, tanto a vista se cansou com o espectáculo imponente e solene desta grande terra que comanda o estado da Prússia e o Reick. Dezenas de palácios e de monumentos enormes, escuros, pesados, duma gravidade agressiva, que não atrai mas domina profundamente, fatigaram a nossa visão, deixando-nos em tristeza de quem mergulhou na sombra de uma tarde pardacenta de inverno. No primeiro momento há quem tenha mêdo de partir só, de se internar sem guia por aquelas ruas, que fazem uma teia complicada e vastíssima e onde surgem, sem preparação, freqüentemente, à volta de uma esquina ou para lá de uma ponte, gigantescos vultos de grandes senhores cavalgando, orgulhosos das suas águias e do seu bronze ennegrecido e espaventoso. Esta cidade assusta ao primeiro contacto.

O seu interêsse o seu encanto, aprende-se depois, quando o viajante desconfiado resolve acompanhar a multidão. Foi assim, correndo ruas e praças, que fui encontrar nas paredes duma estação de metropolitano estes números de estatística, que dão bem a idéia do movimento e da grandeza de Berlim: — duzentos milhões de pessoas passam três vezes anualmente no *metro* utilizando as suas estações urbanas; os quatro mil carros eléctricos fazem por dia trezentos e sessenta e quatro mil quilómetros, tanto como a distância da Terra à Lua; e os *omnibus* cobrem diàriamente uma quilometragem que corresponde à de duas vezes a volta à Terra.

Se nos lembrarmos de que há perto de duzentas estações ferroviárias na área da cidade e olharmos no alto os combóios Std. Bahn, que atravessam a capital alemã constantemente, em vertiginosas corridas, e que em algumas fábricas espalhadas pelos diferentes bairros a população operária chega a ser de perto de cem mil trabalhadores, teremos conseguido uma definição rápida e aproximada de Berlim, a maior cidade industrial do continente europeu e que foi antiga metrópole poderosa do comércio. Durante a semana, Berlim é da multidão, uma multidão calma, ordenada, que não fala ou se fala é em murmúrio, que não pára, que não ri, e parece viver sempre uma única preocupação e seguir um só objectivo — o trabalho. Ao fim da semana, porém, nestes meses de calor, a multidão foge da cidade.

Animam-se êsses milhares de casinhas de madeira, muito limpas e muito floridas, que se espalham entre a relva fresca dos arredores e à sombra das árvores protectoras; enchem-se os grandes lagos de asas brancas de pequenos e ligeiros barcos; pela campina de Havel procura-se o sol e a alegria; em Wannsee o banho popular é um espectáculo imprevisto e desorientador; e pelos caminhos das florestas seguem aos pares os jovens enamorados e os volumosos berlinenses cumprindo o seu *week-end* feliz.

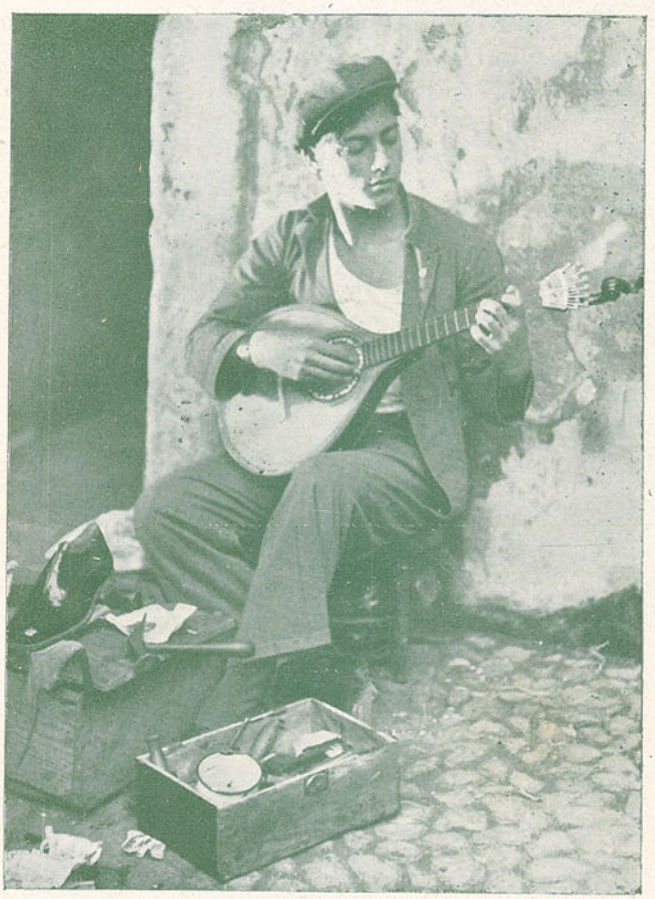
E assim, ao domingo, Berlim tem outros donos. A cidade pertence aos grandes senhores de bronze dos monumentos enormes, às águias imperiais que se recortam nas bases das estátuas e na decoração das pontes e dos palácios.

Na Avenida da Vitória os soberanos prussianos sonham façanhas de outras eras; mais adiante Bismark, altivo, forte, solene, vê Moltke na atitude tranqüila de quem não pensa em habilidades estratégicas. Wagner, Goëthe, tantos, tantos, por tôda a parte dominam a capital do Reich, emquanto um veterano explica cá de baixo a um neto de olhar inteligente e vivo a história daquelas dezenas de canhões dourados que fazem três anéis na coluna da Vitória e foram tomados aos franceses em 70.

Luiz Teixeira.

Um aspecto de Berlim

QUANTO MAIS ME BATES...



UMA destas manhãs, ao chamado da campainha do telefone, foi-me apresentado um quesito ou inquérito, palavra que melhor tôda a gente sabe, para eu dizer a minha opinião sôbre o fado.

Parece que se abriu de novo uma campanha contra o gemido da guitarra e o cantarolar dos fadistas de profissão.

Ora eu nunca poderia ser inimiga do fado. Já me insurgi, é certo, contra o matraquear constante das grafonolas e, sobretudo, contra certos versos que também são ouvidos por crianças e por elas repetidos, e que pecam por excesso de realismo e tendem a acordar na infância, cedo de mais, o prurido sexual.

Mas disto a condenar o fado vai uma distância enorme.

Deixem-se de terçar armas contra um inimigo mais forte que todos desbanca e que tôdas as facções que pretendem atacá-lo inutilisa por completo, sem conserto possível.

O fado não é uma calamidade, pode prejudicá-lo por momentos — e só por momentos — o exagêro dos seus queixumes.

E isto é apenas quando o ouvinte está de mau humor. Mas, logo que o seu espírito se desanuvia, volta a ouvi-lo com prazer.

■

Eu confesso que gosto do fado, e que nenhuma música me bole tão fortemente com a minha sensibilidade, como a toada melancólica duma guitarra, sublinhada pelos acordes quentes e expressivos dum violão.

E quando ouço uma voz velada pelo sentimento, como a da Ercília que há de ser sempre a "santa do fado", dizendo queixas duma alma que as ilusões abandonaram, é raro que uma lágrima não aflore aos meus olhos.

Eu já cantei o fado, não profissionalmente especialisada, mas cantei-o e comovi as multidões com a minha própria comoção, por êsse mundo fora, perante nobres e plebeus.

Quer representasse uma opereta, em França, na Bélgica, na Inglaterra ou Alemanha, todo êsse público de origem tão diferente, e diferente sentimentalidade, pelo menos na maneira de exteriorisar, me pedia que lhe cantasse fados, no intervalo. Como podia eu, àparte o meu foro íntimo, querer mal a uma melopeia que eu fui a primeira a popularizar fora da nossa terra, em palcos e gramofones?

Seria uma ingratidão e um contrasenso.

Eu não costumo "voltar a casaca", e sou constante nas minhas amizades e preferências, e parece que mais quero a alguém ou a alguma coisa que eu vejo hostilisar propositadamente, sem razão.

■

O fado nunca será posto fora da alma portuguesa, como o tango reinará sempre na Argentina, a "jota" em Espanha e os "blues" na América do Norte ou como o samba no Brasil.

É a canção nacional, como essas a que o comparo na sensibilidade são o mesmo, para o seu país de origem.

Quando um pôvo ouve a sua canção caraterística, sente que em seu peito canta mais alto o amor ao torrão que o viu nascer.

Não ouviram a Celita — "Canaria" cantar, no *Bocage*, naquela deliciosa toada brasileira:

A mulatinha
Quando canta o seu lundum
Não pensa em moço ninhum
Pensa na sua terrinha...?

Embora o lundum, como o fado, também sirva à maravilha para falar de amor:

Vejo-o, seu moço,
E mi faço tôda em ais,
Põe-se-me um nó no pescoço,
E não posso
Cantar mais.

No fado, também de amor, temos essa linda quintilha que a "Severa" canta:

Ó rua do Capelão,
Juncada de rosmaninho!
Se o meu amor vier cedinho,
Eu beijo as pedras do chão
Que êle pisar no caminho!

Não conheço, em género popular música mais bela, nem letra que tanto diga.

Uma e outra se combinaram para dar bem a imagem da escravidão da mulher a um único amor.

■

Não vale confundir canção nacional com hino nacional, o que se afigura a muita gente que é a mesma coisa, e por isso talvez, se insurja contra tal designação.

O hino nacional são aquelas notas vibrantes, falando muito alto da valentia da raça, das suas puresas, das suas descobertas, das suas loucuras heróicas que espantaram o mundo.

É êle que conserva em cada peito português a veneração pelo passado e a aspiração do presente de não desmerecer nunca da consideração e do respeito adquirido.

Êsse hino, que tão gratamente sôa a nossos ouvidos, nunca permitirá que os portugueses esqueçam que são "heróis do mar, nobre povo" e que hoje deve ser igual a hontem e amanhã muito melhor.

O fado não é um hino de heroísmo, é uma canção de ternura, onde todo o lirismo da raça se reflecte como um cisne num lago de cristal.

É o desabafo dum grande coração que não suporta grades, que se oferece aberto de par em par, que ora chora, ora ri, recordando momentos felizes e horas dolorosas.

O fado é o nosso sentimentalismo que se opõe a que a bravura lusíada degenere em crueldade.

Digam-lhe o que quizerem, batam-lhe até, que êle cada vez se agarra mais à nossa alma e mais lhe quere.

Enquanto houver no mundo um português, e uma guitarra, há de cantar-se o fado. E daí que mal vem? Se o povo gosta...

Mercedes Blasco.

À sobremesa, apareceu Bernardino Machado.

Os olhos do Poeta brilharam, como a um tinir de armas...

Mas não será já a esgrima dialéctica de mestres; vão ser jogos de brincadeira!...

Seryimo-nos de doce de cerejas.

— É um desperdício, permitam-me que lhes diga. O doce é para quando não há cerejas frescas... — ensina o professor.

Junqueiro, que gosta de guloseimas, atalha:

— Não sabes o que dizes. Como se há de saber se o doce é bom, se o não provarmos? Há de ser como os políticos? — fazem vocês programas, falsificam as suas compotas; pômo-las de reserva, e, quando vamos, mais tarde, a experimentá-las, são uma putreia, que derranca.

— Pois tu, que és poeta, convence-te, só devias comer cerejas ao natural, como o teu melro!

E não tarda que cruzem, de novo, os florêtes:

— Este Bernardino é um apóstolo; mas reparem: veste como um embaixador!

— Não se lembram de Junqueiro, o janota?

— Bernardino! Bernardino, eu nem me visto, cubro-me...

E prosseguiram nêste tom, lutando, sem se magoarem, alegrando-se e alegrando-nos.

Estas coisas fugiam um tanto ás praxes académicas, porque eu era um quartanista da Universidade, diante dum Lente; há a considerar, todavia, que eu era também, desde os 18 anos, seu consócio no Instituto de Coimbra.

Ele mesmo, presidente daquela douta agremiação, me propuzera, e noto que foi o apogeu da minha glória literária, pois, além do sócio do Instituto, não fui mais nada; nem membro da Sociedade de Geografia!...

Junqueiro não se livrava da fama de ter sido da confraria, quando estudante, e o Tomás, êsse, era meu contemporâneo de honraria. Pode-se dizer, emfim, que estávamos verdadeiramente em família!

O Buçaco

Enquanto Bernardino ficava ditando um discurso ao ex-seminarista, que, por êsse tempo, lhe servia de secretário, saí com Junqueiro.

Parámos à porta, conversando — Junqueiro voltado para o Largo de Celas e eu para a casa. Descia uma carruagem de Santo António dos Olivais...

Junqueiro, que já perorava — sem se interromper, travou-me do braço, e fez-me rodar, de modo que trocássemos as posições.

Ao acabar a tirada, preguntei porque o fizera:

— É que naquele trem vinha a viscondessa de X... Não quero que vá gabar-se de que esteve olhando para ela Guerra Junqueiro.

Fiquei atónito! E fômos andando...

Passavam dois aldeões, de enxada ao ombro, descalços.

— Este nosso pobre povo! Vive na inconsciência, na ignorância, sem atinar com o sentido da vida...

Calou-se um momento, e proseguiu:

— Na minha quinta da Batoca trouxe, meses inteiros, turmas de cavadores... Cheguei a pagar-lhes a catorze vintens por dia. Mas era a perpétua desordem: o serviço não rendia. Mandei vir trabalhadores de Espanha: são tão pobres, tão resignados, tão aferrados ao seu labôr que

Guerra Junqueiro

fazem admiração e pena. Podia pagar-lhes a sete vintens, e ficariam contentes.

Os nossos, não: torturam-se de inveja, desvaira-os a ambição, enerva-os a preguiça — os vícios vencem-nos. São uma escória, creia.

Dir-se-ia que Junqueiro desabafava com qualquer *terra-teniente*, visinho seu, em Barca de Alva.

Mas eu observei:

— Todavia, o mal vem da propriedade. Numa sociedade em que o privilégio da propriedade, digamos assim, não dividisse os homens, as almas ascenderiam; a igualdade as tornaria fraternas.

— Engana-se — retorquiu — as almas não se modificam com a fartura dos bens.

Parecia-me que Junqueiro estava em mau campo, e não o deixei escapar:

— Pois não é verdade que muitos crimes, daqueles crimes tangíveis, contra os quais o Código Penal tabela sanções — caracteristicamente o roubo, e, muitas vezes, com o roubo, o assassinato, deixariam de existir, se todos tivessem propriedade, ou se a propriedade fôsse comum?

Ele respondeu:

— Admitamos que o roubo desaparecia, o que não dou por provado... O assassinato não: o homem é o lobo do homem. E o que importa não é o crime tal ou tal, mas o Crime. O celerado, impossibilitado de praticar determinada perversidade, ha de procurar noutra qualquer a satisfação dos seus hediondos instinctos.

Só fortalecendo a vontade pela virtude, só elevando o nível moral pela educação, só pelo amor e pela fé, o homem se redimirá, libertando-se das torvas suscitações da animalidade: importa sempre mais o pão do espírito que o pão do corpo.

— A religião será, pois — concluí — a única consoladora da servidão eterna, e nem importa que sejamos escravos, desde que se nos prometa o Céo, onde, se não ha liberdade, não ha escravidão também, porque a servidão celestial se chama beatitude... Não é assim?

Junqueiro começou orando:

— A maior ou menor posse da riqueza é de valor bem secundário. Só a liberdade, em Deus, interessa ao destino do homem.

Cristo prégou, e não prometeu senão dôr, pedindo cega resignação e conformidade; não prometeu a ninguem riqueza, nem abastança, nem sequer o pão nosso de cada dia, e, todavia, renovou o mundo, trazendo ás almas o clarão do resgate, a visão da glória celeste, a esperança do Dia Eterno, do Amor Eterno.

A verdadeira vida é só a nossa vida interior: o centro vital não está no estômago, mas sim no coração.

Funesto engano! O mendigo, coberto de andrajos, pode ser o mais feliz dos mortais — todo imortalidade, com os pés chagados da via dolorosa e na agonia da fome...

Finalizou:

— O homem tem muitas almas: as almas dos nossos antepassados vivem em nós; e, quantas vezes, em contínuos combates! A máscara humana não faz o homem; pode sorrir angélicamente, e, debaixo dela, rugir a ferocidade... O Código Penal é uma simples teia de aranha que os maiores monstros atravessam, sem se deixar prender nas suas malhas. E o Crime nem sempre se patenteia: vive no fundo das almas, em negridão de desejos, em abominações de imaginação, em sinistros pensamentos: é o Pecado.

Só pela vontade inflexível, acrisolada pela fé, o Bem triunfará do Mal.

Mas não julgue que eu não reconheça as injustiças sociais: o meu coração sangra da dôr dos humildes, dos pobres, dos desamparados. Uma caridade imensa é necessária para fraternizar os homens: as criancinhas, que sofrem tanto, que penam na inocência; os velhos, que são lançados á margem sem piedade; os inválidos, os loucos — todos os degradados — me inspiram infinita dôr. E a prepotência que afronta e a tirania que esmaga revoltam-me profundamente: — porque é que sômos liberais, republicanos? A sociedade tem a expiar grandes crimes — crimes de cada um, crimes de todos.

Não, Lopes d'Oliveira, eu caminho para Deus — com o Mundo na mão!

O sol declinava. Os campos do Mondego estendiam-se a perder de vista, até á serra de Montemor, toda envolta no esplendor do céu e do mar.

Falámos de política: de coisas portuguesas e de acontecimentos do estrangeiro. E Junqueiro disse:

— Em que luta vamos empenhar as nossas vidas! Esta batalha que começa será a última que pelejaremos pela República... Quanto valor vai ser preciso para vencermos!

Mas toda a terra estremece num genesíaco abalo: vai nascer um mundo novo!

Todas as reacções se unem contra o Futuro... Em vão! Veja na França essa questão Dreyfus, que é o símbolo deste combate decisivo.

A hipocrisia dos fariseus da Igreja, proclamando com os traidores dos Estados Maiores, aliados á plutocracia internacional, que os seus adversários são os inimigos do Exército e da França!

Na Cruz Alta do Buçaco

E entrou, impetuosamente, num monólogo, em que passou e fulgiu a suprema eloqüência.

Por fim, resumiu:

— Para salvar a França, envilecer, supliciar um inocente!

Se me dissessem que a minha patria se perdia, eu, para a salvar, não condenaria o inocente... Se me dissessem que se desencadearia a guerra por toda a Europa, eu, juiz, não hesitaria na absolvição. Subvertêsse-se a Terra, e eu absolveria ainda. E, embora morressem os astros, se se apagasse toda a vida cósmica, eu, juiz implacável, absolveria sempre!

Enfim, face a face com Deus, êle me abençoaria... Não ha, aos olhos de Deus, senão o Direito e a Verdade — Justiça!

Então, docemente, insinuei:

— Mas como é que, assim, Guerra Junqueiro não é anarquista?

Pareceu não perceber logo... Esclareci que seria natural que o seu espírito nas questões sociais tivesse a mesma amplitude que no domínio metafísico.

Então Junqueiro vibrou:

— Mas não, não é o mesmo.

O homem é um animal bravio, e só o sofrimento o doma; ha nele um pecado original de que só a expiação o salva.

A questão moral está muito acima da questão social.

Da fera ao santo é um abismo? Mas pode transpôr-se num instante do infinito; basta a atingir o ideal, a santificação, um arrependimento verdadeiro: expirando, na agonia do Calvário, o Mau Ladrão pode bater á porta do Céu, ao mesmo tempo que Jesus Christo...

Na vida social, porém, o ideal é perpetuamente ascendente; ha o progresso incessante, mas não a perfeição absoluta, que o anarquismo supõe. A sociedade não será nunca composta de anjos, nem governada por santos.

O socialismo, o comunismo, o anarquismo são vastas, generosas idealisações humanitárias? *Sub specie aeternitatis*, serão realidades, mas realidades em perspectiva; pertencem ao anseio da perfectibilidade que enche o coração do homem, e fulgura no seu cérebro, desde a caverna troglodítica, e que só se projecta em esperança na sua escalada ao Paraíso.

Ah! meu amigo — faça todos os homens ricos, que os não fará melhores. A questão é outra, a questão é outra...

E o Poeta emudeceu; ficou-se a contemplar vagamente, com os seus olhos tristes, o entardecer, a terna suavidade dos outeiros, que já se afogavam de neblina.

* * *

Passaram quási dois anos...

Nas férias da Páscoa de 1906, fui ao Buçaco, com minha família.

Seria meio dia; estavamos para almoçar perto da Fonte de Santa Tereza, sentados a uma meza rústica que ali havia — a toalha estendida, o leitão na assadeira de barro de Molelos, as laranjas sumarentas de Besteiros, desafiando o apetite, o vinho do Dão, já crepitando nos copos.

Quando no caminho, que vem das Portas da Raínha, vejo vir Junqueiro, montado num burro!...

Salto da meza e côrro.

Apeia-se, estreita-me sôbre o seu grande coração, e todo o seu semblante ri:

— Querido amigo: ha Deus! Eu vinha a pensar em si... Eu precisava de encontrá-lo. E eis que a Providência nos trás aqui hoje!

Tomei a arreata do burrinho, e fui-o levando para o lado da Fonte.

Meu filho António tinha quinze mezes; já andava, mas minha mulher, para fazer a sua apresentação, pegou-lhe ao colo: Junqueiro tomou-o nos braços, e beijou-o.

— Poeta, é o seu baptismo! — bradei.

E as aves cantaram...

O pequenino olhava para o padrinho — que lhe surgia, por encanto, na Floresta Sagrada — com aquela sisudez das crianças, que parece meditativa; dir-se-ia compreender a solenidade do momento; depois avançou as mãositas, procurando as barbas apostólicas, e arrepanhou leve, carinhosamente...

Todos os convivas do almoço — á frente os avós maternos, que se reviam, de orgulho e de amor, no seu primeiro neto — faziam roda. E a avó, vendo no gesto do menino como um desacato, quiz tirá-lo dos braços *daquele senhor*...

Mas a criança resistiu: lançou-se ao pescoço de Junqueiro, e beijou-o na bôca!

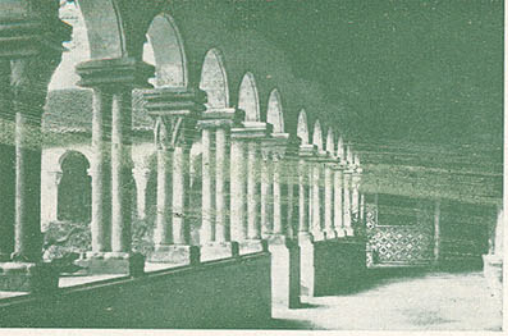
Maria de Val-de-Canas

O Poeta enterneceu-se, e,

RECORDAÇÕES E APONTAMENTOS

Guerra Junqueiro e os problemas sociais

O cristianismo do Poeta d"Os Simples"



Claustro do convento de Celas

pondo-lhe sôbre a cabeça a mão direita, disse: — Que Deus te faça bom e justo!

E — o que são os pais! — eu juntei, mentalmente: — E que um raio do génio de Junqueiro desça sôbre ti, meu filho!

Não pôde o padrinho associar-se àquele almoço que, tão improvisamente, se tornara festa de baptisado, porque alguem o esperava no Hotel.

Mas pouco tardou; daí a meia hora começava, entre nós dois, uma sabatina teológica.

Durante largo tempo, passeámos sob as frondes das alamêdas, agitando o problema de Deus e da Imortalidade.

Fui sempre deísta, mas, por aquela saüdosa época — eu tinha vinte e quatro anos — tentava libertar-me da Crença, procurando soluções racionalistas. Não sei, não saberei nunca, se era um caminho errado; era, decerto, um esforço vão: a Crença não é do domínio da inteligência, mas sim da sensibilidade, do sentimento. Paradoxalmente, pode dizer-se: a ideia de Deus nasce do coração.

Junqueiro começou assim:

— Quando, ha pouco, tinha seu filho ao colo, os passarinhos cantaram. Eis o que me maravilhou! Foi a primeira vez que os ouvi no Buçaco. Esta floresta é religiosa: o silêncio paira divinamente; estas arvores nasceram para meditar; aqui nem as aves cantam.

E proseguiu:

— Deus está em toda a parte, mas ha lugares onde o seu espírito reside, de eleição. Quando venho ao Buçaco, procuro Deus, como num templo. Vejo-o, oiço-o, entendo-o melhor... Que poemas poderiam aqui escrever-se!

— No Palácio? — interrompi.

Junqueiro abrangeu, dum só golpe de vista, todo o edifício, e logo, sarcasticamente, replicou:

— Mas isto não é um Palácio; não é mesmo uma bôa casa — é uma sofrivel estalagem. E nunca olho para ela, sem que me lembre um janota, de chapeu alto, mas em fralda...

O Palácio estava, e não sei se ainda está, por acabar: a escaiola núa das paredes afeiava, de facto, um tanto em ridículo, as suas frontarias.

E, decerto para que o não vissemos, o Poeta encaminhou-se para os lados da Cruz Alta; penetrámos na espessura. Junto duma fonte, parámos.

— Não se quer sentar? — preguntei.

— Sabe que não me sento nunca se, como você diz, vou a prègar. E, quando a Providência quiz que nos encontrássemos, eu vinha precisamente a pensar nas suas últimas cartas e em que era necessário prègar-lhe. Continuemos...

E calcular-se-á o que foi o seu sermão, desde que eu afirme que, de novo, as aves cantaram...

Mas estabeleçamos o diálogo, que se seguiu á sua oração formosíssima:

— Pois, senhor Junqueiro, eu proponho que se suprima, já não digo Deus, mas a palavra — Deus.

O Poeta mostrou não só espanto — pavidez!

— É preciso — continuei — eliminar da linguagem humana essa palavra: ela gera o pavor nas almas.

— Deus?!

— Não digo Deus, digo a palavra. Ela é a melhor arma dos tiranos; tôdas as opressões duradoiras nela se alicerçam; sem ela não haveria Igrejas nem Castas nem Sacerdócios. A fraternidade restabelece-se fàcilmente, desde que a luta travada é de homem para homem, mas quando um homem, para dominar os outros, intromete Deus na contenda, longa escravidão começa; não tarda que o homem que tiraniza se faça passar por Deus na terra...

— Mas Deus existe! E é o que vou provar-lhe...

E eu, brutal:

— Não prove; se há Deus Deus não se prova: sente-se — e ou se sente, ou se não sente.

É que só não deixando Junqueiro *provar*, isto é, atirar sôbre mim o caudal da sua eloqüência, em ressaca aos meus desplantes, eu podia escapar à maré viva da dialectica, que invadiria, pela inteligência, todo o meu ser, e que submergiria a resolução que naquela hora tomara, e queria manter, a todo o custo.

— Mas Deus existe! Como desconhecê-lo? — insistiu.

— Pois, se existe, influirá nas almas que criou, sem ser necessário que o invoquemos verbalmente, sem precisar de religiões e de cultos. Deus, imanente, descerá aos nossos corações, tanto quanto lho merecermos pelos nossos pensamentos e pelos nossos actos: O Bem é Deus em ideia e em acção.

Para sentir o Amor, seria preciso, antes, ter inventado a palavra — Amor? E para que o Amor floresça em nossas almas, é mister que lhe erijamos um culto?

Eu desatinava, direito ao meu fim, implacàvelmente...

— Mas Deus existe, e, não o desconhecendo, quer então designá-lo por outra palavra? — reinsistiu.

— Pois seja. Esta não; só tem dividido e infelicitado os homens; só tem trazido à Terra flagícios, ódios, guerra!

E Junqueiro:

— Mas Deus é Deus... Deus é a idealidade humana!

— Não é nada, portanto, senão uma frase! Agora, ouça-me. O que distingue o homem é a consciência superior dos seus actos. Todos êstes são resultantes de factores: quanto mais conhecermos o valor dêsses factores, quanto mais pudermos pesá-los, tanto mais o acto será consciente. Mas, se se introduz num acto o factor Deus, que medida o apreciará? Deus é um X, cuja valorização pode ir de 0 a 1.000, de 1.000 ao infinito. Êsse factor, sempre indeterminado, perturbará tôda a acção humana: o homem estará sempre no cairel do desvairamento, á beira da demência, sob a sua pressão caótica. O fanatismo, a loucura mística, empapam de sangue o Orbe... E veja Junqueiro o caso Junqueiro. Em nome de Deus, a bem da causa de Deus, êle combate Jeová, o arquetipo de todos os despotismos. Mas, pouco a pouco, julgando aproximar-se, cada vez mais, de claridades eternas, vai-se aproximando dêsse mesmo Jeová; sem dar conta da sua regressão, passará de Cristo, o Libertador, a Jeová, o Tirano, que quis derrubar, levantando a Jesus. Junqueiro, desvairando misticamente, nem dará conta, mas é já a própria Igreja que, apercebendo-o, apregoa a sua próxima conversão ao catolicismo.

Então, Junqueiro não me deixou prosseguir, exaltou-se:

— Não, não morrerei católico. E não morrerei católico, porque creio em Deus. O meu Deus não cabe dentro de nenhuma Igreja, e abrange-as a tôdas; não lhes está subordinado, subordina-as. Impossível que eu renegue o meu Deus — Deus infinito — por um deus particular, interpretação parcelar, senão inversão da Divindade. Não; cada vez mais, me distanceio de Jeová. E a Igreja é sacrílega; e não só porque a cubram montanhas de crimes: mesmo em matéria de fé, até nalguns dos seus dogmas, há monstruosidades que repugnam ao espírito divino.

Sou cristão; sou-o no fundo do meu coração; a religião do Evangelho é tôda ela alta, sublimada, trespassada tôda de Verdade Eterna: mas Cristo ainda é um homem; não é Deus. Dir-me-á que há muitos Cristos na história do mundo? Mas em Jesus veneremos o Cristo Redentor, que exprimiu, sob influição divina, a ansiedade máxima para Deus, em deslumbramento celestial.

Converter-me? Mas só os ateus se convertem, frente a frente à morte. No drama da hora final, na angústia inominável dum trespasse nas trevas, que se cerram na sua alma, procuram Deus, como náufragos que se agarram a tudo que possa sustentá-los no terrível lance. O que lhe está mais perto é o deus da sua infância; não conhecem outro: — abandonam-se-lhe.

Não os condeno; lamento-os.

Eu creio em Deus verdadeiro; Deus viveu sempre na minha alma.

E, já repousadamente:

— Não, não tenho que converter-me.

Bateu na testa:

— Olhe, isto é muito forte. Morrerei em meu perfeito juizo. E minha mulher e minhas filhas são incapazes de fraquezas que deshonrem a minha memória.

Oiça: se a Igreja viesse buscar o meu cadáver... Não só o auctorizo, mas peço-lhe, rogo-lhe que declare bem alto, para que todos o saibam, que é uma mentira, que é uma traição, que, até ao último instante, persisti na minha Fé. Deus não me abandonará!

Marejavam-se-me os olhos de lágrimas... Notou-o Junqueiro comovidamente; abraçou-me e disse-me:

— Não, Lopes d'Oliveira: você é também um cristão, um verdadeiro cristão, que se desconhece!

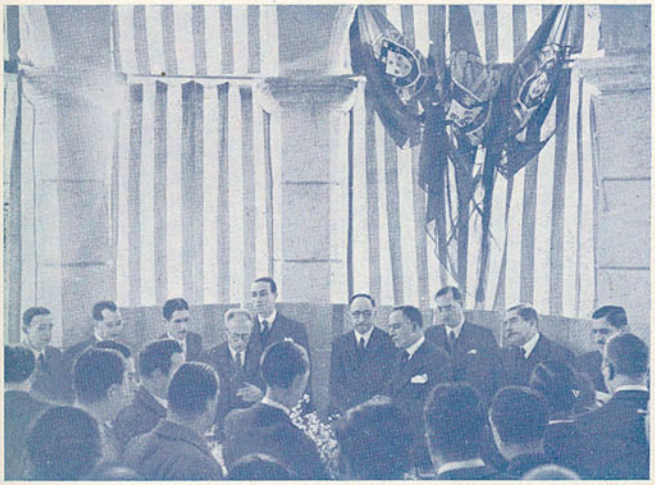
Mas — ai de mim! — as avesinhas não cantaram...

Lopes d'Oliveira.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

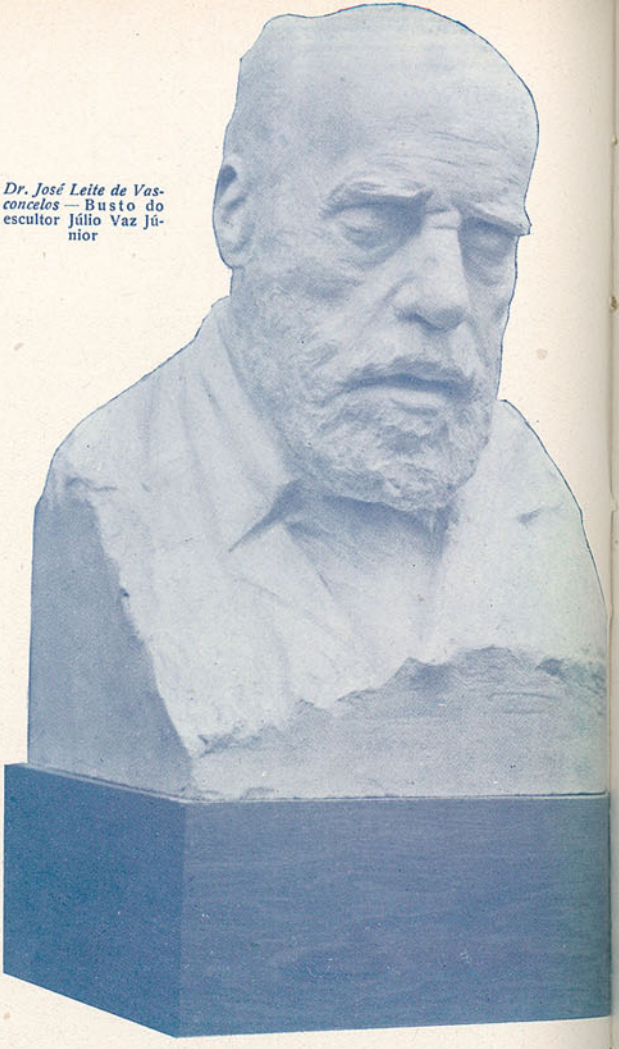
No Palácio de Cristal realizou-se em louvor do Vinho do Pôrto um imponente festival folclórico que decorreu com muito brilhantismo. – A gravura acima representa o sr. dr. Samuel Maia, que foi o orador oficial desta solenidade, lendo o seu discurso. – A' esquerda, a mesa que presidiu à sessão solene. – A' esquerda, em baixo, um aspecto da assistência

No largo da Povoa foi inaugurado com a presença das autoridades civis e militares, numerosos convidados e grande número de pessoas o novo Dispensário Anti-Tuberculoso «Conde de Lumbrales». A nossa gravura apresenta um aspecto da assistência, saindo após à sessão solene



Presidida pelo Chefe do Estado realizou-se a inauguração de cinco novas carruagens da linha do Estoril, construídas em Portugal. Constituiu uma festa de consagração do trabalho nacional. As gravuras acima representam o sr. Fausto de Figueiredo, usando da palavra, e a chegada ao Estoril dos ministros do Comércio e sub-secretário das Corporações, acompanhado pelos srs. Fausto de Figueiredo, engenheiro Vasconcelos Correia e restantes convidados

ARTES PLÁSTICAS



Dr. José Leite de Vasconcelos — Busto do escultor Júlio Vaz Júnior

Exposição Domingos Rebelo

A exposição de quadros do pintor micaelense Domingos Rebelo veio patentear-nos um artista de estilo clássico, consciente e expressivo, que pode ser colocado, sem favor, a par dos mais notáveis pintores da última geração.

Os seus quadros a óleo não foram apenas bem executados, foram sentidos, como o do *Supremo refúgio* em que se patenteia o grande poder da fé — última instância que as almas desamparadas procuram nos mais angustiosos momentos. Nessa exposição admiramos, entre outros quadros, as païsagens do *Pico da Cruz* e do *Pico do Leo*, o *Natal*, o *Viático*, as *Papoilas* e o *Casaco encarnado*. Tudo isto nos fez conhecer um pintor em plena pujança criadora e dotado duma tão grande sensibilidade que nos transmite fielmente as emoções que o orientaram. Admirámos também os seus desenhos à pena e os seus carvões bem marcados, acusando uma técnica equilibrada e cheia de verdade. No pastel e na «gouache» encontrámos também o verdadeiro artista que soube dar vida e movimento a tudo que transpôs para os seus trabalhos artísticos, como, por exemplo, no *Varando o barco*, no *Eailho* e até no *Estudo para uma decoração*.

Mas, onde o artista se eleva em grande vôo é como païsagista. O *Pico da Cruz* é dos seus mais belos trabalhos. Contemplando-o, temos a impressão de que a nossa alma se detém em êxtase ante a incomparável grandiosidade da Natureza.

O casaco encarnado — Quadro de Domingos Rebelo

Dr. José Leite de Vasconcelos

No próximo dia 7 será realizada no Instituto de Arqueologia uma festa de homenagem ao eminente sábio, dr. José Leite de Vasconcelos, sendo, nessa altura, inaugurado um busto do erudito professor na sala da biblioteca do Museu Etnológico.

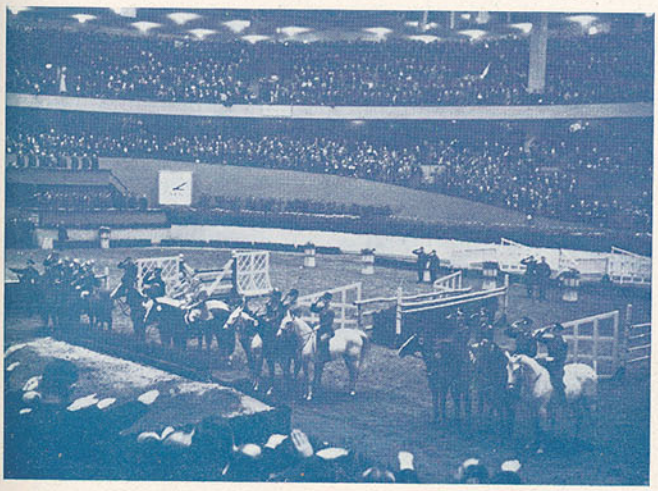
Constará a homenagem de uma sessão solene em que será feito o elogio do grande arqueólogo, descerramento do busto que é obra do escultor Júlio Vaz Júnior e foi adquirido pelo ministério da Educação Nacional, e inauguração de uma lápida com a efígie também do homenageado, obra do escultor Raul Xavier, executada por iniciativa do Instituto e subscrição aberta entre os seus consócios na referida colectividade, amigos e admiradores.

O busto do dr. José Leite de Vasconcelos honra bem as mãos privilegiadas do ilustre escultor que o modelou. Júlio Vaz Júnior conseguiu dar vida à pedra bruta e inerte, elevando a magestosa cabeça do sábio que, na sua atitude severa e profunda, parece dar-nos uma das suas brilhantes lições.

Supremo refúgio — Quadro de Domingos Rebelo. À direita: *Auto-retrato* do mesmo pintor

ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

A desportista Christl Granz que, tendo triunfado nos Jogos Olímpicos, continua vencedora nas últimas provas na Áustria. — Ao CENTRO: Um aspecto da centralização dos serviços de transporte em Zugspitzé. — A' DIREITA: Um petiz da Renânia confraterniza com um soldado alemão



Concurso hípico em Berlim: os cavaleiros saudando o Führer que presidia às provas. — A' DIREITA: Em Coblentz, a juventude, entusiasmada, acompanha os soldados à cidade. Ao fundo, vê-se a velha e tradicional de Ehrenbreitstein

Na Alemanha estão sendo criadas obras de arte para todo o povo, a fim de lhe despertar o gôsto artístico. — A' DIREITA: A Caixa de Depósitos de Berlim começa a ser demolida para dar lugar ao embelezamento da cidade

Armando de Aguiar

O MILITARISMO ALEMÃO

"Viajar, percorrer mundo, enfrentar outras civilizações, sentir por vezes o amargo da derrota em frente das dificuldades que se erguem, a cada momento como os píncaros aguçados dos Pireneus, tem sido a minha preocupação constante, a minha única ambição».

É assim que o vigoroso jornalista Armando de Aguiar começa o prefácio do do seu novo livro 25 graus abaixo de zero. *Estuante de vida e mocidade, Armando de Aguiar vai focando através das páginas do seu novo trabalho tudo o que viu e observou do alto da firme independencia do seu caracter.*

Sempre irriquieto consoante lho impõe o seu lêma de viajeiro impenitente, vai tomar, dentro em pouco, o rumo do Brasil — a pátria querida das suas mais gratas ilusões.

Eis um trecho do seu novo livro 25 graus abaixo de zero *em que a índole germànica é focada em flagrante, nêstes tempos de ansiedade que vão correndo:*

Uma tarde, na companhia dum professor de literatura portuguesa da Universidade de Frederico Guilherme, visitei o monumento aos estudantes mortos na Grande Guerra, representado pela figura simbólica da Mocidade, erguendo os olhos para o altar da Pátria. E por baixo, em latim, esta significativa legenda: *Invictis victi victuri* — aos invictos, os vencidos que hão de vencer...

Saio da Universidade, páro em frente do majestoso palácio real dos Hohenzollern, e evoco o momento histórico da proclamação de guerra por Guilherme I, da varanda central, perante uma multidão que agitava, ébria de conquistas, o pendão guerreiro do *Nach Paris.*

Deixo para traz as históricas portas de Brandenburgo — encimadas por uma quadriga romana em bronze que Napoleão, no seu regresso da campanha da Prússia, levou para Paris como um agradável *souvenir*, e que Bismark, em 70, trouxe para Berlim como um objecto reencontrado após 60 anos e desemboco na grande Praça de Paris, a dois passos da floresta de Tiergarten. Á esquerda, o Parlamento, agora encerrado pelo govêrno de Hitler.

Em frente do palácio do Reich, as estátuas em bronze, dez vezes ampliadas, de Bismark — o Chanceller de Ferro — e de Von Moltke.

No centro da Praça da República, a estátua da Vitória, um padrão imorredoiro para os alemães, e uma afronta para os franceses.

Oiço estrídulos de clarins e rufos de tambor... Aclamações frenéticas... Os acordes duma marcha guerreira...

Pela Friedens Allee, uma das ruas do Tiergarten, rompe uma coluna de automóveis e ciclistas servindo de guarda-avançada a centenas de pessoas. De todos os cantos surge gente correndo.

Institivamente, estugo o passo, ansioso por admirar um espectáculo que está interessando meio mundo. Alguns *schuppos* a cavalo defendem das investidas da multidão, tocada pelo delírio, duas centenas de soldados marchando armados sob o comando de um oficial. O que no Brasil teria despertado a curiosidade dos garotos, é aqui na Alemanha, país essencialmente militarista, motivo de entusiasmo popular.

Meia dúzia de soldados marchando ao som de clarins e de rufos de tambores, é o bastante para alectrizar o povo alemão que tem saüdades dos tempos passados, quando pelas ruas de Berlim desfilavam em atitudes marciais os soldados de Guilherme II.

A adoração pela farda é um sentimento que cresce com a criança alemã. Prolonga-se depois pela vida fóra e é absolutamente integrado na disciplina férrea do militarismo que êle gosa a vida e espera a morte.

O espectáculo que eu presenciei no Tiergarten é uma prova eloqüentíssima de que o desarmamento por completo na Alemanha, como resava o Tratado de Versailhes, era e será uma utopia, pelo menos enquanto houver um alemão na face de Terra.

O som cavo dos passos da soldadesca, o faiscar das baionetas à luz do sol, o ondear dos capacetes esverdeados vistos do alto, os acordes de uma marcha guerreira, fazem vibrar intensivamente as fibras militaristas que vivem latente em cada alemão.

E, se não fôsse a polícia a cavalo que escudava os soldados, todos êsses bons prussianos que, no fundo, só odeiam os franceses, enfileirariam também de boa vontade...

Armando de Aguiar.

Vista do Castelo de Berlim

ACTUALIDADES DA QUINZENA

A Academia das Ciências prestou homenagem à memória do ilustre sábio português Roberto Duarte Silva. A sessão foi presidida pelo sr. dr. Egas Moniz que justificou a comemoração dêste centenário, e agradeceu a comparência dos representantes do sr. ministro da Educação Nacional e do sr. ministro da França, e da Faculdade de Ciências de Coimbra. Coube ao sr. general Aquiles Machado fazer a biografia do homenageado, seguindo-lhe minuciosamente a gloriosa carreira. Usaram também da palavra os srs. dr. Pereira Forjaz, Charles Lepierre e prof. Herculano de Carvalho que enalteceram as altas qualidades do saüdoso homenageado. — *A' direita:* O comandante da esquadrilha francesa que nos visitou, depondo flores no monumento aos Mortos da Grande Guerra

Um aspecto da exposição do escultor portuense Henrique Moreira, vendo-se o seu magnífico trabalho «O Salva-vidas». — *A' direita:* Os oficiais franceses com o sr. ministro da França na Legação, onde lhes foi oferecido um almôço. Pouco depois, o capitão de fragata Darrieux, comandante da divisão francesa, surta no Tejo, dirigiu-se ao Ministério da Marinha, onde deixou os seus cartões ao comandante sr. Ortins de Bettencourt

A igreja da Graça realizou a tradicional procissão do Senhor dos Passos, tendo assistido a êste cerimonial centenas de fieis de tôdas as categorias sociais, tantos quantos cabiam no templo e nas ruas por onde passou o cortejo religioso. Por tôda a parte se notava a fé dêste povo, bem digno dos seus antepassados que engrandeceram uma pátria à luz da sua fé batalhando e orando. Velhos e novos, todos ajoelhavam à passagem da formosa imagem do Redentor que, como nos terríveis tempos de Tibério, ainda nos aconselha a pureza de sentimentos e o abandono das paixões mesquinhas

A parte média da tôrre de Pisa

VOLTA a falar-se mais uma vez na famosa torre de Pisa, cuja inclinação está alarmando, mais do que nunca, os engenheiros e mestres de obras encarregados da conservação dêste monumento.

Haverá motivo para sustos? A torre cairá? Os seus quási oito séculos de existência não constituirão uma prova eloqüente da sua solidez?

A torre, impante nos seus oito planos sobrepostos, tem 54 metros de altura. O plano inferior compõe-se de uma muralha circular de mármore em que se elevam fortes colunas ligadas por arcos. Pesa êste monumento mais de catorze mil toneladas, causando assim uma pressão sôbre o bordo do alicerce sul que pode ser calculada em dez quilos por centímetro quadrado.

Capitéis da terceira galeria

UMA FATAL INCLINAÇÃO

A TORRE DE PISA

e o seu tratamento por meio de injecções de cimento líquido

Mas, afinal, na torre de Pisa foi já construida com a inclinação que lhe notamos ou desnivelou-se por motivo dos seus fracos alicerces?

Quando, em 1174, o célebre arquitecto Bonnano, auxiliado por Guilherme de Inspruck, se decidiu a levantar aquela obra portentosa, deveria ter estudado o terreno com as indispensaveis sondagens.

Em face da inclinação da torre, houve quêm afirmasse que o arquitecto saltara propositadamente fóra das regras do fio de prumo, a-fim-de manifestar a sua excepcional competência.

Com efeito, os andares superiores da torre fôram construídos por forma a poderem equilibrar um desnivelamento produzido no andar inferior.

Dizem os técnicos que a torre repousa sôbre um leito de areia de oito metros de espessura que, por sua vez, recobre uma capa de grêda desconhecida por Bonnano, apesar de tôda a sua perícia. Custa a crêr, francamente...

Afirma-se também que o receio de uma derrocada interrompeu muitas vezes os trabalhos de construção. Decorridos quási dois séculos, isto é em 1350, foi concluida a parte superior com os seus sete sinos. O mais antigo, chamado hoje *Pasquereccia*, era designado então por *Sino da Justiça*, porque era o que acompanhava com os seus dobres plangentes os condenados que seguiam para o patíbulo. Um outro sino é digno de mensão — o *Assunta* — pelo seu formidavel peso de 120 quintais.

E assim foi concluido o famoso monumento.

Rodaram os séculos, sem que os pisanos, orgulhosos com a sua torre, se preocupassem com qualquer desmoronamento.

Em dada altura, os entendidos em construções começaram a notar que a torre pendia para o sul, e que esta inclinação, calculada em 10 por cento, tendia a aumentar, ameaçando um próxima ruína.

O Municipio pisano alarmou-se, dando logo as necessárias providências.

Em 1840 começaram as obras urgentemente para evitar a derrocada do célebre monumento. Cavou-se em volta dos alicerces, sendo aberto um profundo fôsso que revelou importantes deslizes do terreno, embora insuficientes para explicar a debilidade progressiva dos fundamentos. Segundo os peritos, aquela mole imensa inclinava-se no plano sul, tornando-se necessário reforçar êste ponto.

Afinal, o celebrado arquitecto do século XII era para os arquitectos de 1840 um leigo na matéria, incapaz talvês de carpinteirar uma capoeira ao canto do seu quintal pisano!

Era, portanto, necessário salvar a torre que o seu fundador tão levianamente assentara em terreno movediço. Mas como encontrar a solução? Após muitas cogitações, apareceu um iluminado a aconselhar as medidas seguintes: reconstrução dos alicerces, e profundamento e fortificação do fôsso. O processo indicado consistia na aplicação de injecções de cimento líquido nos pontos mais débeis, à semelhança do que hoje em dia, se faz com cacodilato de sódio para o organismo humano. A idéia foi logo posta em acção, sendo todo o sóco cingido por uma sólida muralha de cimento armado.

Mas, afinal, a torre pendia ou não pendia? Não andariam os entendidos enervados por uma sugestão?

Em Janeiro de 1928, P. G. Colombi voltava ao assunto, declarando que, "segundo a opinião dos peritos, a torre, em nove anos, aumentara a sua inclinação em nove milímetros. Ora, a continuar a pender um milímetro por ano, a derrocada não podia estar muito distante". Os pisanos, apesar dêste alarme, afirmam que a sua torre "pende ma non casca" e não tomam a sério as preocupações dos técnicos.

A famosa tôrre inclinada de Pisa

Quando se declarou que os alicerces tinham apenas 3m,60 de profundidade, riram-se da infantilidade do achado, visto que os sapientíssimos arquitectos de hoje não seriam capazes de empreender uma tal construção que, apesar de todos os seus defeitos, se mantem de pé há quasi oito séculos.

Foi encontrada também uma nascente de água que ia desagregando, a pouco e pouco, os fundamentos da tôrre. Segundo o relatório do engenheiro encarregado das obras de reparação, foi cavado um poço nas proximidades da tôrre, a fim de que a água, afluindo à escavação poupassse os alicerces. Teoricamente, a ideia parecia aceitável. No entanto, a prática veio provar que êsse rápido escoamento trazia maior dano. O melhor seria ainda deixar ficar tudo como estava. As injecções de cimento bastariam, quando mais não fôsse, para certificar que o famoso monumento sucumbindo, tivera a necessária assistência.

É claro que, à semelhança do que tantas vezes se passa com as pessoas, a torre, com tantos e tão complicados tratamentos, acabará por não escapar da cura.

E, quando se fortaleça uma segura confiança nas tais injecções de cimento, nessa altura é que a tôrre, picada como um crivo nos seus sustentáculos, se decida estender-se em tôda extensão da Piazza Duomo.

Entretanto, a água lá continua a correr do lado sul. Límpida e mansa, a linfa cristalina lembra um espelho em que a formosa tôrre, numa garridice bem feminina, se remira enlevada nos seus próprios encantos.

E vai-se debruçando cada vez mais...

Lembra uma noiva altiva quando as nuvens a envolvem no seu manto de gaze como a aplaudir aquele casamento de inclinação...

Lembra uma odalisca irrequieta mirando-se na água que, um dia, lhe servirá de sepultura.

Tal como ao Narciso mitológico, essa contemplação pode vir a ser fatal...

A torre pende...

Talvês evoque saudosamente o seu passado!

Um alto espírito, de passagem pela formosa cidade, deixou as suas impressões numa das páginas do seu caderno de notas.

Ei-las:

"Pisa pode ser considerada o género sagrado de tôda a Idade Média na Itália: é a mãe venerada e veneravel da Florença, é o berço da Arte dos Médicis.

"Enquanto o império romano se fundia, abandonado pelos seus próprios imperadores, iam surgindo os novos da nacionalidade latina. Nápoles, a Lombardia, o Veneto, e a Toscana iam-se firmando, pouco a pouco, para apresentarem na Idade Média as suas joias, de uma arte peculiar, filha d'aquêle poder assombroso, reflectido no seio de uma família, que formava dinastia.

"E coube a Pisa ser a percursora dêste movimento que fez com uma inegualável manifestação da arte do belo. A Catedral, o Baptistério, a Torre Inclinada e o Campo Santo formam um conjunto tão rico e, ao mesmo tempo, tão harmonioso, que não seria muito dar-se a volta ao Mundo para apreciar, durante alguns instantes, aquêle soberbo monumento. Ao subir, andar por andar o *campanile*, eu sentia uma impressão semelhante à que deve experimentar um faminto a quêm se apresentam manjares exquisitos e variados, um pouco dessas sensações misteriosas que devem sentir os que se embriagam com aromáticos narcóticos. A cada andar, uma nova sensação de interessante e delicada perspectiva; em cada coluna um novo capitel de beleza radiante; em cada fuste um mármore, e, para que nada faltasse, um interessante problema de estética no conjunto".

Mas, o que pretende o Município de Pisa? Segurar o que há tantos anos, há tantos séculos, se segura por si?

Admitindo que, nestes tempos de inovação que estamos observando aparecesse um engenheiro que, por qualquer processo audacioso, se propusesse a pôr a tôrre direita seria atendido?

E se o fôsse, o que restaria dêsse tão celebrado monumento, cuja única fama reside precisamente na sua inclinação como que a zombar das leis da gravidade?

Admitindo ainda que o Município pisano, cansando já da panaceia das tais injecções hipodérmicas de cimento armado, se decidia a desmantelar a sua querida torre, e a mandava reconstruir, pedra por pedra, em qualquer ponto mais seguro, ordenaria que fôsse mantida essa inclinação que, sendo causa de tanto alarme, é também a razão da visita de tantos mil forasteiros?

A parte superior da tôrre de Pisa

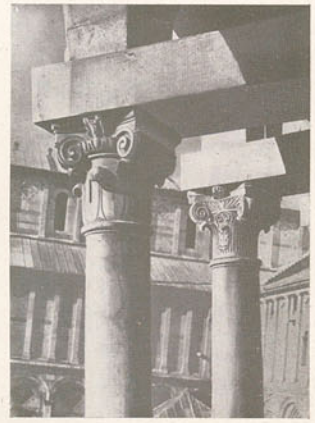
A nosso vêr, deveriam deixar estar a torre, tal como está, sem mais consêrtos nem reparações. Quando quizesse caír, que caísse, visto que nada é eterno neste mundo.

A torre lá continúa a equilibrar-se, melhor ou piór, olhando desdenhosa os engenheiros, que se empenham em fortalecer-lhe os alicerces centenários. E, dando razão aos pisanos confiantes, ela parece dizer aos curandeiros que a rodeiam:

— Pendo mas não caio!...

e, mais baixinho, acrescenta:

— mas não me mexam muito...



Capitéis da primeira galeria

A ALMA DA RAÇA

tal como Soares dos Reis a simbolizou no braço nú e vigoroso de Afonso Henriques

A estátua de Afonso Henriques

Afonso Henriques

SEMPRE que passo por Guimarães, seja qual fôr a minha pressa, não deixo de ir junto da estátua de Afonso Henriques resar a minha prece de português.

Aquela única imagem da minha devoção realiza sempre o milagre de me incutir alento e energia, até nos momentos de maior incerteza e ansiedade.

Aquêle braço vigoroso, aquêle formidavel braço que talhou, a golpes de montante, uma pátria inegualável, continúa a protegê-la com a sua rijeza brônzea.

Quando em 1885, o genial escultor Soares dos Reis aceitou o encargo de modelar a estátua de Afonso Henriques, o ilustre escritor Manuel M. Rodrigues, historiou o facto nas seguintes linhas:

"A idéia do monumento a Afonso Henriques, em Guimarães, nasceu do patriotismo de alguns vimaranenses, à frente dos quais se acha como presidente da comissão iniciadora, o sr. dr. Mota Prego, presidente também do município daquela cidade. "Reunidos os capitais que atingiram uma soma se bem que diminuta para uma obra pomposa, suficiente contudo para um monumento mais que modesto, a comissão desviou-se da praxe dos concursos que por via de regra nem sempre têm dado os melhores resultados entre nós, no que respeita a assuntos artísticos e confiou-se ao talento e à honestidade do laureado estatuário portuense Soares dos Reis, que encarregando-se da execução do monumento, associou a êsse trabalho o distinto arquitecto e professor da Academia de Belas Artes de Lisboa, o sr. José António Gaspar.

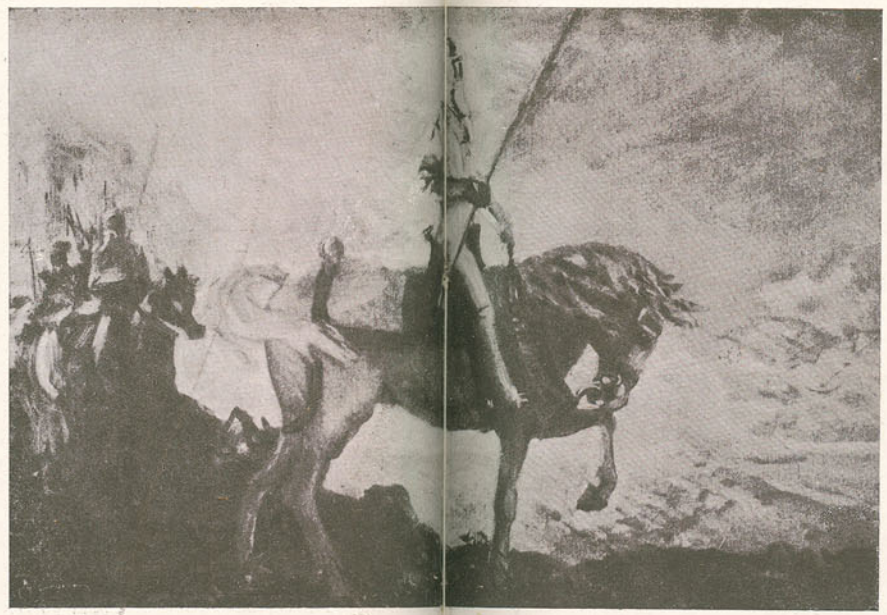
"Delineado por êstes dois artistas, o respectivo projecto e aprovado pela comissão, lavrou-se no dia 2 de Setembro, em Guimarães, o contracto definitivo, segundo o qual, o monumento deverá ficar concluido no praso de dois anos a contar da data da escritura, sendo o seu custo de 7:000$000, incluindo todos os materiais e mão de obra.

"O monumento compõe-se de um pedestal de lioz ou vidraço brunido de Pinheiro, de 2m,70, o que prefaz um total de seis metros de elevação.

"O estilo arquitectónico do pedestal é o românico, como o predominante na época em que viveu Afonso Henriques. Essa parte do monumento tem de sofrer algumas modificações nos detalhes, para melhor se caracterizar aquele estilo, dando-se-lhe a máxima côr local possível.

"Assim, os capiteis das colunas que ornamentam o dado serão copiados de um dos existentes no belo claustro românico da colegiada da Senhora da Oliveira, de Guimarães, o escudo será substituido por outro mais autêntico, e os caracteres da inscrição terão a forma oncial.

"A figura do monarca, de um aspecto nobre e belicoso, traja o costume guerreiro dos cavaleiros da Idade Média. Apoia-se sôbre o escudo e empunha a espada de combate. A estátua será modelada por Soares dos Reis, e, se bem que no contrato lhe fôsse deixada a plena liberdade de a mandar fundir no país ou no estrangeiro, é de presumir que seja encarregada da fundição uma das fábricas nacionais".



A Alma da Raça — quadro de Soares dos Reis

A sua primeira idéia foi apresentar o vencedor de Ourique no último quartel da vida, gosando um bem merecido repouso na terra que lhe fôra berço. A natural tendência do artista atraía-o para os assuntos melancólicos.

Concluído o seu trabalho, verificou que um herói da envergadura de Afonso Henriques não poderia ser apresentado como um velho, fatigado e caduco. E despedaçou o projecto a golpes de martelo.

Realizou então o novo projecto em que, no dizer de Manuel M. Rodrigues, aparecia "a figura do monarca, de um aspecto nobre e belicoso, trajando, o costume guerreiro dos cavaleiros da Idade Média".

Mas ainda não era esta a imagem do primeiro rei português, esforçado, enérgico e valoroso, apoiado no escudo e empunhando a espada sempre vencedora.

Faltava ali qualquer coisa... A chama da inspiração divina tardava em chegar...

De repente, faiscou, e o artista, correndo ao seu atelier, começou então a modelar nervosamente a estátua definitiva.

Estava simbolizado o valor da Raça!

Pois ainda houve quem citasse como defeito o anacronismo do braço, alegando que o fundador do nacionalidade portuguesa nunca se apresentara assim em combate!

Esta crítica de má-morte — houve-a sempre e ainda hoje se espaneja diante dos nossos olhos pecadores! — o que seria mais: invejosa ou ignorante?

Aquele braço nú, embora as armaduras do século XII não permitissem um tal alvo aos golpes do adversário, patenteava, num símbolo feliz, tôda a energia indomavel, tôda a força portentosa, todo o palpitar de sangue ardente, tôda a audácia terrível, todo o sonho lindo de um herói que talhára uma pátria, e a engrandecera com o eflúvio da sua alma generosa.

Naquele braço nú e vigoroso, o mesmo que segurou o Dom Cardial pela pescoceira anafada e o suspendeu com tôdas as suas excomunhões, está concentrado todo o vigor duma raça heróica que mereceu ser cantada pelo maior poeta do Mundo e de todos os tempos.

É por isso que, nas horas de maior desalento vou orar ante essa única imagem da minha devoção que sempre me protegeu.

Gomes Monteiro.

O primitivo modêlo de Soares dos Reis

A estátua de Afonso Henriques em Guimarães

VAI QUÁSI EM

INGLATERRA

Evoca-se o desembarque da rainha

A Inglaterra é uma Nação essencialmente conservadora, e a sua fôrça nacionalista provém, em grande parte, do respeito com que sabe manter as suas tradições.

Procura sempre vivificá-las e transmiti-las inalteráveis, de geração em geração.

Para êsse fim, nos actos oficiais, emprega a indumentária ancestral sem receio de cair no ridículo e, freqüentemente, reproduz em quadros animados, com grande pompa, diversos factos históricos importantes.

Em Maio de 1935, durante as festas jubilares da coroação de Jorge V, comemorou-se a criação do regimento denominado da Rainha (Queen's Royal Regiment), ligando a êste acontecimento a chegada da Rainha de Inglaterra, Catarina de Bragança, a Portsmouth, onde a aguardava seu espôso Carlos II, e cujos desposórios se haviam realizado, por procuração, em Lisboa, a 23 de Abril de 1662.

No Olímpia, grandioso anfiteatro londrino que tem lotação para dez mil espectadores, representou-se êsse desembarque, fazendo parte do torneio histórico que todos os anos ali se realiza.

É reprodução dêsse quadro vivo a estampa que acompanha estas notas e extraída do *The Illustrated London News* de 18 de Maio de 1935.

Houve êrros na reposição daquele acontecimento, mas o que os organizadores de espectáculos dêste género procuram, não é o rigor de pormenores na verdade histórica, mas sim a viveza nas côres do conjunto para fortemente impressionarem os assistentes, conservando-lhes na memória o que tornou grande o seu País. Neste quadro vemos Catarina, a filha do rei D. João IV, de Portugal e de D. Luísa de Gusmão, "vestida à inglesa de tela côr de cana, guarnecida de rendas de prata» e com um gracioso sorriso fazendo genuflexão ante o espôso que a espera no cais de desembarque, nesse dia de 24 de Maio.

Eis aqui um dos tais êrros históricos. A rainha não foi aguardada à sua chegada a Inglaterra por Carlos II, mas sim pelo irmão do Rei, o duque de York, e, no cais de desembarque, pelo Governador e mais autoridades locais.

O monarca só chegou a Portsmouth "acompanhado de tôda a côrte com galas custosíssimas» seis dias depois. A Rainha instalara-se "nas casas que lhe estavam providas com magníficos adornos», mas sobreveio-lhe logo uma defluxão de garganta que a reteve no leito durante dias, e onde o espôso a viu pela primeira vez.

Seria Catarina, a infanta portuguesa, tão formosa e gentil como a vemos naquele quadro?

Diz o conde de Sabugosa, no seu livro *Donas de tempos idos*:

"A sua estatura, frágil e miúda, dava-lhe um aspecto infantil» a-pesar-de contar vinte e três anos completos.

"Dos seus contemporâneos, uns achavam-na bela e com encantos femininos que chegaram a despertar paixões, outros feia, mesquinha e legitimando, pelo seu desagradável aspecto, as múltiplas infidelidades, de seu femeiro marido» que teve catorze filhos bastardos, e nenhum legítimo.

Atrás da rainha vêmos as suas três damas: uma inglesa, a camareira-mór, condessa de Suffolk, e duas portuguesas: D. Elvira de Vilhena, condessa de Pontével, e D. Maria de Portugal, condessa de Penalva, que morreu solteira.

Ladeando as damas de honor, os realizadores apontam os condes de Manchester e de Sandwich, o mordomo-mór, duque de Osmonde e o embaixador português; nós preferiríamos encarnar naqueles figurantes: Francisco de Melo, o condutor da Rainha, embaixador que, agraciado com o título de conde da Ponte, firmou o contrato do régio casamento em 1661 e que, pelo bom êxito do ajuste, foi criado marquês de Sande em 1662, Nuno da Cunha, conde de Pontével, D. Francisco Correia da Silva e D. Francisco de Melo, mais tarde camareiro-mór da Rainha, pessoas principais do séquito da soberana.

Ao fundo vê-se a nau Montaigue em que ía a recâmara real, com 54 peças de bronze e 300 homens de tripulação.

A armada que acompanhou a rainha na sua viagem, e de que era general Duarte de Montaigue, conde de Sandwich, revestido com o carácter de embaixador extraordinário, para êsse fim, compunha-se de 14 naus, capitaneadas pela "Royal Charles» com 80 peças de bronze e 600 homens de guarnição, de cinco sumacas, como se chamava às ligeiras embarcações que serviam para transportes

Reconstituição do desembarque da princesa D. Catarina de Bragança em Portsmouth

TRÊS SÉCULOS

E PORTUGAL

Catarina de Bragança em Portsmouth

e de uma barca em que seguiam mil caixas de açúcar.

Logo em seguida à rainha, lembrando o nosso império oriental, um cornaca, com o seu turbante e grandes brincos pendentes das orelhas, conduz um pequeno cordeiro, provàvelmente um talismã em que a rainha confiava e que ainda, presentemente, é a "mascotte» do "Queen's Regiment».

Formam um cordão de polícia, mantendo em respeito o povoléu, os tripulantes da fragata de guerra "Anne», em que o duque de York fôra ao encontro da armada que conduzia a rainha.

Veem-se, à direita, gentis homens e no fundo, soldados de cavalaria e o côche destinado aos Soberanos.

Oiçamos Caetano de Sousa contar-nos na sua *História Genealógica*, aqueles dias passados em Portsmouth:

"Restabelecida a rainha da ligeira doença, realizou-se em 31 de Maio o régio desposório, e depois de jantar saiu o rei com a rainha pela mão a uma grande sala onde, debaixo de um docel, estava um trono com duas cadeiras em que os reis se sentaram e diante de tôda a nobreza e povo que concorreu a esta celebração leu o secretário do rei o respectivo auto. Acabada esta cerimónia, disse o bispo de Londres, em voz alta, que aquela era a mulher com que o rei estava casado e todos, com alegria, responderam que vivessem infinitos séculos.

Levantou-se o rei e tornou a levar a rainha pela mão ao seu quarto, onde entraram a beijar-lhe a mão tôdas as damas e pessoas principais da côrte. A camareira-mór, observando o estilo daquela côrte em semelhantes actos, tirou os laços de fitas azuis que a rainha levava em um vestido de tela encarnado à inglesa, não lhe deixando nenhum, deu o primeiro ao duque de York, e repartiu os demais pelos oficiais, damas e títulos de maior suposição. Como a rainha estava mal convalescida, por conselho dos médicos, se tornou a deitar na cama, despindo-a a camareira-mór que, desde o primeiro dia, começou a exercitar o seu ofício com tôdas as demais senhoras inglesas e as duas portuguesas. Veio a ceia da rainha, e o Rei, que em tudo mostrou quanto dela estava agradado ceou com ela sôbre a cama soando ao mesmo tempo diversos instrumentos.

O tratado de paz e o casamento assinado em 23 de Junho de 1661 compreendia 20 artigos públicos e um secreto; tinha por fim estabelecer a paz mais firme e de maior dura entre as duas corôas e aproximar os dois países.

Pelo art.º 2.º o rei de Portugal dava ao rei da Grã-Bretanha e seus sucessores, para todo e sempre, a cidade e fortaleza de Tânger, com todos os seus moradores. Em 1664, a Grã-Bretanha desinteressou-se da dádiva, e, cansada dos constantes assaltos dos mouros, cedeu-lhes a praça.

Segundo o art.º 3.º, o rei de Portugal cedia em iguais condições ao rei da Grã-Bretanha e seus sucessores, para sempre, o pôrto e ilha de Bombaim.

Esta cessão foi feita para maior acrescimento do negócio e mecância inglesa nas Índias Orientais e para que o rei da Grã-Bretanha ficasse melhor aparelhado para assistir e amparar os vassalos do dito rei de Portugal naquelas partes, defendendo-os da fôrça e invasão dos holandeses.

Estipulava o art.º 14.º que se o rei da Grã-Bretanha ou os seus vassalos em qualquer tempo adiante recuperassm dos holandeses, ou de outros, praças, fortalezas ou territórios que anteriormente pertenciam à corôa portuguesa rei de Portugal, lhos concederia para sempre em absoluto senhorio.

No art.º 15.º o rei da Grã-Bretanha, em consideração dos grandes benefícios cedidos pelo nosso soberano dos quais largamente se havia de estender a grandeza do seu império, declarava que havia de trazer no coração as cousas e conveniências de Portugal e de todos os seus domínios e os havia de defender com as suas maiores fôrças, assim por mar como por terra, e que à sua custa mandaria a Portugal dois regimentos de 500 cavalos cada um, os quais todos seriam armados à custa do dito rei da Grã-Bretanha, mas depois de chegarem ao seu destino militariam à custa do nosso rei.

Finalmente pelos art.os 16.º e 17.º o rei da Grã-Bretanha prometia que, a petição do rei de Portugal, quando e tôdas as vezes que Portugal fôsse invadido, lhe assistiria com vasos de guerra e soldados.

O artigo secreto estabelecia que a Grã-Bretanha faria o mais que pudesse e aplicaria tôdas as suas fôrças e poderes, afim de fazer uma boa e firme paz entre o Rei de Portugal e os Estados da Holanda e mandaria na armada que fôsse tomar posse de Bombaim fôrças bastantemente aparelhadas, assim em poder como em instrucção, para defender e assegurar as terras portuguesas nas Índias Orientais.

Como se vê dêste tratado, só nós doamos duas praças fortes que naquele tempo pouco representavam, mas que, conforme se previa, viriam a atingir um alto valor de estratégia política e comercial e foram as pedras angulares em que assentou o vastíssimo imperio britânico, em compensação obtinhamos a garantia de que Portugal restaurado jamais ruiria, porque, quando, tão pouco numerosos, fôssemos suficientes para repelir o inimigo, em qualquer ocasião ou tempo, a Inglaterra acudiria em nosso auxílio.

A trôco de Tânger e Bombaim, não compramos a nossa independência, que essa a firmamos com o nosso esfôrço, mas obtivemos a certeza de a podermos manter.

Para defeza de Tânger criou-se na Grã-Bretanha em 1661, por ocasião da assinatura do contrato e do tratado, o "Tangier Regiment on foot» (Regimento de infantaria de Tânger) ao qual, depois se juntaram tropas montadas, sendo-lhe concedido, em honra da princesa portuguesa, o nome de "Queen's Royal Regiment» que ainda existe sob a mesma designação e cujo talisman, como dissemos, é um cordeirinho lembrando aquele que, com infantil carinho, consigo levava D. Catarina de Bragança ao abandonar o país em que nascera.

Altinho — Junqueiro, 29 de Janeiro 1937.

Barão de S. Maduro.

Carlos II, de Inglaterra

Os ferreiros — quadro de Maria Eduarda Lapa

A MULHER NA ARTE

A Arte requintada manifestação da superioridade humana, tem nas suas várias manifestações, sido ultimada pela mulher com grande exito. Desde a antiguidade até aos nossos dias têm sempre havido mulheres que dedicam tôda a sua existência á Arte, a uma das manifestações de arte, que tornam sublime a vida humana, a música, a literatura, a escultura e a pintura, têm tido sempre cultoras nas mulheres de sempre e se na arte não tem havido génios femininos, tem havido é certo, mulheres que se têm distinguido.

Na pintura, essa Arte sublime que desde a Grécia até hoje tem deixado á humanidade um património admirável e dos mais ricos, enchendo os museus de todo o mundo com preciosidades, que são a maior delícia dos olhos, ha nomes de mulher que marcam.

Maria Eduarda Lapa é uma artista bem portuguesa, que marca. Oriunda da Beira, essa província tão profundamente portuguesa, dum tão puro nacionalismo, os seus quadros seja qual fôr o assunto que tratam têm o cunho infinitamente português embora representem assuntos estrangeiros como algumas das suas telas que fielmente retratam velhas ruas de Paris.

Mas na maneira de as reproduzir, ha uma tal luminosidade, uma tal ternura, que só os olhos e a alma lusitanos assim vêem, e, assim sentem.

Portugal é um país, que apesar de ha pouco tempo a mulher encontrar facilidades, para estudar e se dedicar a assuntos artísticos, pouco tempo, se atendermos á antiguidade, tem tido nomes de mulher que têm ilustrado brilhantemente a pintura.

Josefa de Obidos que tão belos quadros compoz e que é uma glória da linda vila, fechada nas suas medievais muralhas. Josefa Greno a pintora de flores dum tão delicado mimo, Emília Santos Braga e tantas ontras senhoras que têm o seu nome ligado á grande arte que é a pintura; que reproduz para sempre as belezas vistas e sentidas pelos artistas.

Maria Eduarda Lapa é por essência a pintora das flores, a sua delicada alma de mulher, compreende e sente as flores, cuja delicadeza e frescura reproduz, com um pincel que eu apenas posso comparar ao de Madeleine Lemaire, a grande artista francesa, tão conhecida em todo o mundo, pelos seus admiráveis quadros de flores.

Mas a artista não quer fechar o seu talento numa especialidade, a especialisação, é sempre fechada, e, não permite a expansão do verdadeiro talento, e, dedicou-se também á paisagem e á figura, de que já nos déra uma bela amostra nos seus admiráveis desenhos sanguíneos, que comparo aos do admirável Hellen que tanto sucesso obteve no Paris de «avant-guerre».

As suas paisagens de Portugal vistas e sentidas por uma alma tão portuguesa, são bocados vivos do nosso país, tão cheio de belos trechos e de belezas naturais, a tentar os olhos de artistas e os pinceis de todo o mundo. Na sua última exposição tão interessante e bela, Eduarda Lapa, apresenta nos quadros sobre as flores. A sua visita às nossas ilhas, tão maravilhosas de beleza, verdadeiros paraísos floridos, tão cheios de imprevisto e de encanto, favoreceram-nos com quadros que são maravilhas.

As suas estradas, verdadeiras aleas de parque, que as idranjas ornam dos mais variados, azuis, que vão do pálido acinzentado ao mais vivo tom, são quadros, que nos sugerem a ideia de embarcar no primeiro navio a partir e de percorrer estrada por estrada, como num mágico sonho de beleza e de encanto.

Os seus quadros em que estas flores numa verdadeira sinfonia azul nos deslumbram são só por si uma razão da ida da ilustre pintora aos Açôres. Mas a variedade de paisagens que ela nos dá, desde os portos de tranquilas águas, aos lagos dum verde flanco projectado pelas montanhas dum esmeraldino tom, até ás furnas dum admirável acinzentado onde vemos saltar as gotas deágua fumegante duma tal realidade que sentimos o cheiro do enxofre; que torna satânicas essas paisagens.

O seu quadro dos ferreiros dá-nos bem a idéa do estudo constante a que a sua vontade férrea a abraza, para em todos os géneros se aperfeiçoar, não se deixando vogar nas águas tranqüilas da vocação, que tão fáceis lhe seriam na reprodução maravilhosa das flores, que esmaltam o mundo com a sua beleza e que são o consolo dos olhos e a felicidade do mundo.

Flores quem as não ama e as não aprecia? Mas na verdade a artista tem razão, e, embora force a sua tendência natural e os seus pinceis de mulher sonhadora, a reproduzir a violência da natureza ou do trabalho humano, ela é sempre artista, sempre mulher, e sempre sonhadora.

Infatigável trabalhadora, Maria Eduarda Lapa é um exemplo da mulher, que com o seu esfôrço apenas, com o seu trabalho, com a sua persistência, conseguiu fazer um nome, impôr uma personalidade e conquistar um lugar ao sol do mundo, que dizem, que quando nasce é para todos, mas para alguns é bem difícil conseguir o aquecimento dum ligeiro e pequenino raio de sol.

Para que uma mulher vença, só pelo seu valor e pelo seu esforço, numa vida de trabalho honesto e aturado, é preciso que ela tenha uma vontade, uma energia e um valor, que force as más vontades, e obriguem a reconhecer o mérito de quem tão intensamente as possue.

Muito senhora no seu trato, duma afabilidade encantadora de simplicidades em que se reconhecem as fortes qualidades da sua província, Maria Eduarda Lapa, com o seu franco sorriso, com os seus modos simples, sem vaidade alguma, sem fazer nunca sentir a superioridade duma alma, que a Arte tocou, conquista as simpatias de quantos a conhecem e admiram a sua figura de artista e de mulher.

Maria Eduarda Lapa é um exemplo de mulher portuguesa, que estuda, que trabalha sem perder a graça da sua feminilidade, e, o encanto da sua ternura de filha amantíssima.

A Arte, a verdadeira Arte, é a mais bela condutora do espírito das multidões porque as atrai, as afaga e as seduz.

A emoção que uma prelecção de muitas horas não consegue, pode surgir num simples olhar, em frente duma tela primorosa e magnífica.

Eduarda Lapa é uma grande artista.

Nos seus quadros nós sentimos reproduzida a sua figura moral a sua dedicação, a sua admiração por esta terra, tão querida.

É neste momento de nacionalismo em que o coração bate mais apressado ao reconhecer o que embeleza e engrandece Portugal, a arte tão portuguesa, tão nacional de Eduarda Lapa tem o seu lugar de triunfo entre aqueles que bem merecem.

E que êste é o sentimento unânime de todos, os que pela Arte se interessam, prova-o a freqüência que teve a sua exposição, que foi inaugurada por Sua Excelência o Senhor Presidente da República, que teve para a expositora as mais carinhosas palavras de justo apreço.

Palavras que tiveram eco em todos os que admiraram os belos trabalhos da pintora, que tantos admiradores conta.

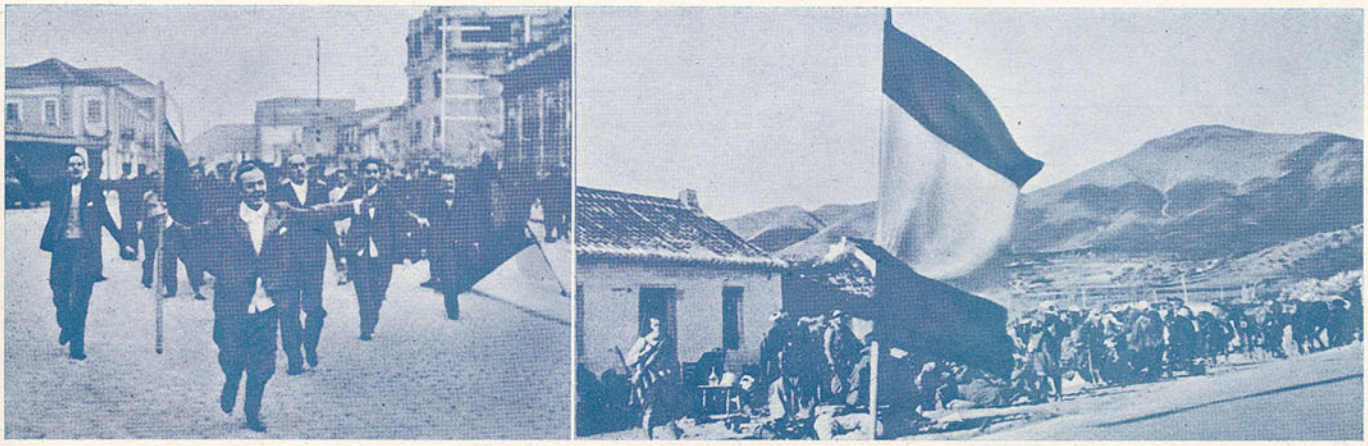
Em cada exposição mais e mais se afirma o valor da artista, é caso para desejar-lhe que realise inúmeras exposições enriquecendo assim o património artístico de Portugal.

Maria de Eça.

Outro quadro de Maria Eduarda Lapa

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

O desolador aspecto da igreja de Vila de Rio que os governamentais incendiaram quando, batidos pelas fôrças nacionalistas, se puzeram em debandada. — A' direita, o dr. Colin Ross relatando a um reporter berlinense que o entrevistou acêrca das suas impressões sôbre a guerra civil de Espanha. O ilustre homem de ciência realizou, após a sua chegada à capital do Reich, uma conferência com projecções luminosas documentando o que viu nas terras espanholas. A sua conferência era subordinada ao tema: «Nós e o Mundo — Madrid-Moscovo»



Prisioneiros libertados pela chegada das fôrças nacionalistas a Málaga percorrem as ruas, manifestando o seu enorme regosijo. — A' direita, as tropas nacionalistas, após a sua entrada em Málaga, vendo-se a bandeira nacional desfraldada como uma vela salvadora que um vento de feição faz agitar

Prisioneiros marxistas rodeados por tropas nacionalistas dão entrada em Málaga. Todos êles fazem largos relatos do que tem sido a sua existência no inferno vermelho para onde não desejam voltar, mesmo que lhes fôsse concedida a liberdade e o direito de libérrima acção. Tudo isto dá um índice significativo do que tem sido a luta sangrenta que se está desenrolando

1936 foi o ano atlético dos negros; Woodruff, campeão olímpico dos 800 metros provou qualidades do melhor homem na distância

A QUINZENA DESPORTIVA

O local de construção do Estádio Nacional voltou a ser objecto de reparos que a "Ilustração" não pode deixar sem aplauso. Foi o sr. engenheiro Nobre Guedes, quem, numa das últimas sessões do Parlamento, focou novamente os inconvenientes da escolha dos terrenos do vale do Jamor, uma zona onde são nulos os trabalhos de urbanização, o acesso difícil e demorado, as próprias condições naturais sem coisa alguma que as recomende em especial.

O ilustre secretário do Comité Olímpico, cuja autoridade em matéria desportiva é abonada por uma longa carreira de praticante e de dirigente, e cuja competência técnica, a sua própria situação oficial demonstra, insistiu, nas vantagens que oferecem os terrenos de Algés, indicados pela comissão de estudo da qual fez parte; na sua brilhante argumentação, serviu-se como reforço para o seu parecer, da maior facilidade que a construção do Estádio em local acessível traria para a freqüencia das suas instalações pela mocidade universitária e escolar.

Sob todos os aspectos este critério merece a nossa inteira aprovação e já de ha muito manifestámos sôbre o caso opinião definida; vem talvês a propósito relembrar que em 1 de Julho de 1934, logo após a apresentação do relatório e conclusões do seu trabalho pela comissão da presidência do sr. coronel Linhares de Lima, documento no qual era proposta a escolha dos terrenos de Algés, escreveriamos, fixando doutrina:

"A primeira comissão de estudo reconheceu que o novo Estádio tem, como uma das principais funções, facilitar a prática do desporto e do exercício físico ao ar livre aos rapazes estudantes das escolas e faculdades. Em tal ordem de idéias é inegavel que uma das primeiras condições de viabilidade de semelhante aspiração é a situação do Estádio a distância relativamente escassa dos centros de estudo. Se os rapazes perdem horas no trajecto, escasseia-lhes o tempo, para se entregarem ao exercício físico recomendado. Não existe em Lisboa uma cidade universitária propriamente dita, reunindo todos os estabelecimentos de ensino superior, mas desenha-se uma tendência regular de orientação que leva todos os novos edifícios escolares para o norte da cidade. Edificando o Estádio Nacional em Algés, os estudantes gastam, para se deslocar, duas horas na viagem de ida e volta, talvês todo o tempo de que podiam dispôr".

Terminando o nosso critério de argumentação, que em tudo condiz com as observações agora apresentadas pelo sr. engenheiro Nobre Guedes, defendiamos a escolha dos vastos terrenos do Campo 28 de Maio para edificação do Estádio e seus anexos.

O tempo em nada alterou esta maneira de vêr, e uma vez que se sugeriu a possibilidade de revisão dos projectos estabelecidos, voltamos à nossa, embora convictos que é agora demasiado tarde para algo conseguir.

É, no entanto, indispensavel frisar que. erigindo o Estádio em Algés ou, muito pior, no sertão do vale do Jamor, a mocidade das escolas, cuja vida de estudo decorre no extremo oposto da cidade, fica praticamente impossibilitada de freqüentar com regularidade as suas instalações.

■

Na revista alemã "Atletismo" o conhecido jornalista da especialidade Borowica publicou a sua anual lista dos melhores resultados da época, que é o mais precioso e completo documento estatistico organisado na Europa.

Utilisando informações colhidas em todos os países do mundo, o autor consegue elaborar para cada prova do programa olímpico, o rol dos cincoenta atletas que conseguiram marcas superiores. O que o facto representa de trabalho é simplesmente espantoso e são interessantissimas as deduções tiradas da sua análise pormenorizada.

A primeira noção que ressalta é da formidável superioridade atlética dos americanos, tanto em classe indivídual como em vantagem de número.

Constando a lista de Borowica da referencia a 17 modalidades, inclui portanto 850 nomes de atletas pertencentes a 33 países diversos, 22 europeus, três americanos do norte, outros tantos americanos do sul e asiaticos, dois australianos e um africano; nêsse conjuncto figuram 283 homens dos Estados Unidos, ou sejam 33 % do total.

As nações que em seguida maior percentagem apresentam, são: a Alemanha com 110 nomes, a Finlandia com 73, a Suécia com 72, a Hungria, Itália e Japão, cada com 35.

As únicas provas fracas dos americanos são as corridas de fundo, cinco a dez mil metros, e o lançamento do dardo; na légua o primeiro "yankee" é 20º, nas duas léguas 9º, e no dardo 12º.

Mas em compensação, pertencem-lhes os oito melhores tempos dos 200 metros, os quatro dos 800 metros, os seis dos 110 metros barreiros e os cinco nos 400 m., também com obstáculos; os três melhores e mais cinco nos oito seguintes, do salto em altura: os cinco primeiros e mais 21 até ao 30º no salto à vara, prova em que o primeiro europeu aparece em 28º lugar. E nas outras provas, embora não tão flagrante, a primazia de conjunto pertence-lhes; excetuam-se, o lançamento do martelo onde os alemães levam a palma, e o triplo-salto que é a especialidade preferida dos japonezes.

O americano Johnson transpondo em altura 2,07, alcançou uma das mais extraordinárias marcas da época

Na avaliação comparativa da classe das diversas nações européas, é flagrante a superioridade de conjunto da Alemanha; extraíndo das tabelas os dez melhores resultados europeus em cada prova, apenas nos 5000 metros se não encontram atletas alemães, e cotando-os pela pontuação habitual decrescente obtemos os seguintes resultados: Alemanha 256 p.; Finlandia 165 p., apezar da ausencia completa de especialistas nas corridas de velocidade pura e prolongada; Suécia 119 p., acusando fraqueza nos concursos de saltos; Inglaterra 69 p., todos obtidos apenas pelos corredores; Itália 59 p., Hungria 54 p., Polónia 45 p. e Holanda 42., devidos exclusivamente aos seus corredores de velocidade.

O curioso trabalho de Borowica mostra-nos ainda os extraordinários progressos verificados no campo atlético e que melhor põem em foco a triste insuficiencia da evolução portuguêsa.

Observa-se, por exemplo, que durante a época finda, 58 saltadores transpuzeram à vara, quatro metros ou mais, altura que há poucos anos era apanágio de meia duzia de homens considerados fenómenos; onde ficam, comparativamente, os nossos 3,m20 alcançados duas vezes em todos os concursos do ano?

Analisando ainda os feitos dos saltadores, encontramos 12 homens que ultrapassaram os dois metros em altura e 16 os sete metros e meio em comprimento; se passarmos aos lançamentos, contamos uma duzia de atletas atirando o disco alem dos 16 metros, dazasseis projectando o pêso a mais de 15,m50, onze que excederam com o dardo os setenta metros e 35 o cincoenta metros com o martelo.

Passemos agora às corridas; em 100 metros, 25 corredores abaixo dos 10,6 s.; 30 nos 200 metros com menos de 21,5 s.; 17 especialistas dos 400 metros conseguiram menos de 48 s.; nos 800 metros, o tempo do último da lista, o 50º portanto, é 1 m. 54,8 s.; 17 homens gastaram menos de 3 m. 55 s. a correr 1500 metros, 30 outros menos de um quarto de hora na légua e igual número menos de 32 minutos na distância dupla.

Por último, em provas de barreiras, encontramos trinta corredores com menos de 15 s. nos 110 metros e 38 com menos de 55 s. nos 400 metros.

Para concluir êste estudo analítico resta-nos aplicar às marcas constantes da lista a tabela finlandeza de pontuação para averiguar quais foram os feitos dominantes da época.

O Japonês Tajima foi o atleta que alcançou mais nítida vitória sôbre um record mundial, melhorando, no salto que apresentamos, o máximo do triplo de mais de quarenta centímetros

Tomando como base de mérito excecional os 1100 pontos (o melhor record português, os 10,6 s. nos 100 metros, corresponde a 1071 pontos), acham-se dezasseis resultados superiores, os quais se classificam pela ordem que segue:

1.º — 13,7 s. nos 110 metros barreiras pelo americano Forrest Towns, 1182 p.

2.º — Lançamento do dardo a 77,m23 pelo finlandês M. Jarvinen, 1174 p.

3.º — Lançamento do disco a 53,m08 pelo americano e campeão olímpico Carpenter, 1147 p.

4.º — 46,1 s. nos 400 metros planos pelo negro americano Archie Williams, 1139 p.

5.º — O salto em altura dos dois negros dos Estados Unidos, Cornelius Johnson e Al. Britton, 2,m07 e 1138 p.

7.º — O lançamento do disco do alemão Lampert, a 52,m81, 1137 p.

8.º — Os 400 metros doutro negro americano, o universitário Lu Valle, em 46,3 s., 1123 p.

9.º — Os 52,m40 dum segundo lançador do disco alemão, Schroder, 1121 p.

10.º — O fenomenal Jesse Owens e o seu compatriota Wallender, pelos 20,5 s. nos 200 metros, 1117 p.

12.º — O salto à vara de 4,m43, novo record do mundo americano Varoff, 1113 p.

13.º — O salto em altura de 2,m05, pelo americano Marty, 1110 p.

14.º — Os 8.m06 que o negro Owens saltou em comprimento nos jogos de Berlim, e o tempo do mesmo atleta nos 100 metros olímpicos, 10,2 s., ambas as marcas cotadas com 1109 p.

16.º — O lançamento do peso a 16,m60 pelo campião germânico Wolke, 1105 p.

Nesta classificação há situações que surpreendem e deixam dúvidas sôbre a exacta relatividade da tabela finlandêsa, como seja por exemplo o lugar inferior que ocupa o tempo de Owens nos 100 metros e que tôda a crítica considerou uma proeza sem igual.

Owens e Metcalfe aqui focados na passagem de testemunho na estafeta olímpica, foram os dois mais rápidos corredores do Mundo

A enumeração destas provas poderá constituir um incentivo para a mocidade portuguesa, pois não lhe faltam qualidades para se equiparar às mais avançadas desportivamente de todo o Mundo. As virtudes da nossa raça são sobejamente conhecidas no Universo há cêrca de oito séculos quando ainda não havia tal ou qual notícia de outras raças que viriam, com o rodar do tempo, a salientar-se e criar prestígio. Que os jovens portugueses sigam os seus instrutores.

Salazar Carreira.

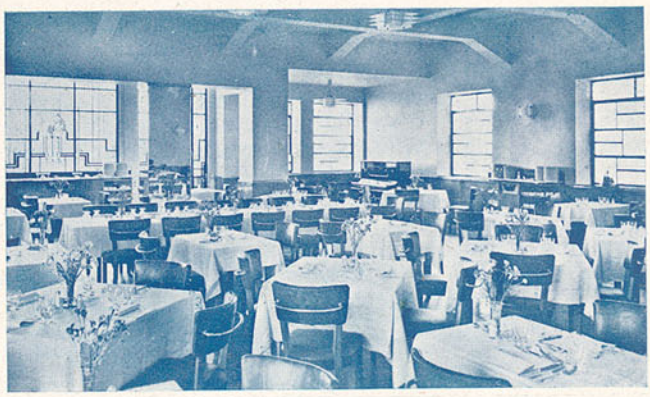
O edifício do Vitória Hotel

Conquanto seja o mais recente da nossa capital o Vitória Hotel conquistou já, de direito próprio, um logar de justo destaque entre os estabelecimentos seus congéneres.

Pela sua priviligiada situação no ponto de maior movimento da Avenida da Liberdade, a mais notável artéria lisboeta, perto dos bons teatros e cinemas ali localisados, tornou-se a breve trecho um dos mais freqüentados por uma escolhida clientela, tanto de nacionais como de estrangeiros.

Conta o Vitória Hotel seis pavimentos servidos por ascensores que dão fácil acesso a todas as várias dependências harmonicamente dispostas, o que só seria viável num edifício, como êste, expressamente construido para êsse efeito. Dispõe de setenta e cinco quartos que apresentam todo o conforto e comodidades que a vida moderna exige, com salas de banho e telefones, de uma vasta e alegre sala de jantar e restaurante, sendo ainda dignos de uma especial referência os seus grandes terraços dos vários andares de onde se podem admirar os mais notáveis panoramas da cidade.

A sua gerência que mantém a mais estreita ligação com o Grande Hotel do Porto, de tão largas tradições, que já tem hospedado por várias vezes Chefes de Estado, Príncipes, Ministros e Diplomatas, imprime-lhe uma



A sala de jantar e restaurante

orientação tão cuidada e meticulosa que a sua freqüência, naturalmente seleccionada, vem aumentando constante e progressivamente.

Teve a *Ilustração* a oportunidade de publicar no seu número de 16 de Janeiro último duas sugestivas gravuras do «Réveillon» realisado no Vitória Hotel, festa que marcou pelo ambiente de viva alegria e grande animação com que ali se solenisou a noite tradicional do fim do ano.

A indústria hoteleira do nosso País conta assim mais um importante elemento de rial valor, demonstrativo do seu progresso que vai acompanhando o desenvolvimento sempre crescente da nossa capital.

Como correspondeu o CHAVE D'OURO à crescente simpatia do público

Não fôram exagerados os vaticínios dos que previram que o «Café Chave d'Ouro» viria a marcar uma brilhante influência na vida da nossa capital. O primeiro estabelecimento do seu género no nosso País, e poucos o igualam nos grandes centros cosmopolitas, dirigido e orientado por quêm sabe — e a valer — do *métier*, vai-se tornando o ponto obrigatório de reunião das melhores classes da nossa boa sociedade.

As suas vastas instalações, desde o café no primeiro pavimento ao Restaurante e Salão de Chá no último, proporcionam as melhores comodidades e mais delicioso conforto à sua escolhida clientela da qual fazem parte numerosos estrangeiros, não só os de passagem pela capital como os de residência fixa aqui.

O café do primeiro pavimento é, indubitàvelmente o maior salão, na sua especialidade, com duas entradas, uma pelo Rossio outra pela rua 1.º de Dezembro, para a qual dá a instalação de barbearia, uma das mais luxuosas da capital.

O salão dos bilhares, também dos mais vastos e freqüentados pelos amadores, alguns dos quais são dos melhores tacos da nossa terra. Acresce ainda que o serviço permanente do ascensor permite um acesso fácil e rápido aos cinco andares que compõem o edifício onde está instalado êste estabelecimento de que se pode dizer, com inteira justiça, que dignifica a cidade de Lisboa.

Começou o «Chave d'Ouro» por organisar os chás elegantes da tarde, sempre concorridíssimos, animados por uma orquestra privativa, cuja execução tem sido sempre radiofundida pela Emissora Nacional. Resolveu depois iniciar *soirées* ás terças e sextas-feiras e com tal êxito que passou a ampliá-las aos sábados, tão numerosos os pedidos que nêsse sentido lhe fôram dirigidos. Fôram também de excepcional brilhantismo o *Reveillon* do fim do ano e as festas do Carnaval de que se destacou, pela sua invulgar animação, o baile de mascaras infantil e ainda recentemente, na última semana, a estreia da nossa ilustre artista Ercília Costa que pela primeira vez se apresentou em público depois do seu regresso do Brasil, onde triunfou em tôda a linha, tendo merecido as mais lisongeiras referencias de todos os criticos.

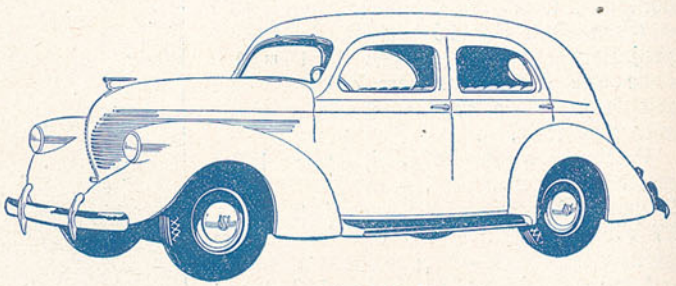
Se tomarmos na devida conta o critério que preside à organisação das suas festas, conjugado com a rigorosa selecção da sua freqüencia, explicado fica o êxito do «Chave d'Ouro» que tão bem tem sabido corresponder à sempre crescente simpatia do público.

O elegante Salão de chá do Chave d'Ouro

WILLYS
O carro surpresa do ano

Há bem poucos dias ainda apareceram entre nós os novos modelos dos automóveis da marca Willys que se podem considerar, com inteira razão, a surpresa dêste ano. As inovações agora introduzidas neste carro atingem cada um dos seus detalhes principais, aperfeiçoando-o de forma notável. Tornou-se bastante mais baixo, sem que no entanto o piso tenha deixado de ser perfeitamente plano, dado que não tem qualquer tunel ou caixa para o veio de transmissão.

As portas são largas e os assentos tão amplos que as pernas e os joelhos estão à vontade, pois que, apesar do novo Willys ter a mesma largura de *chassis* de qualquer outro carro de dimensões médias, conseguiu proporcionar um interior mais espaçoso. A sua *carrosserie* e respectivo tejadilho constituem como que uma única peça, rìgidamente soldados um ao outro, como estão; os seus travões extra-largos, com uma maior superfície de travagem, o centro de gravidade mais baixo, faróis nos guarda-lamas para melhor visibilidade lateral, tudo isto concorrendo enormemente para a maior segurança e facilidade na condução.



O Willys modêlo de 1937

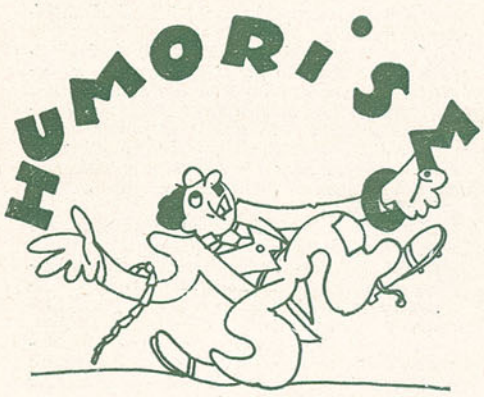
O motor, montado à frente e atrás sôbre borracha especial, mostrou nas experiências realizadas em Muroc Dry Lake atingir uma média de 122 km. à hora, durante 24 horas consecutivas.

Como especificações principais tem os travões às quatro rodas, com a área total de travagem de 134 polegadas quadradas, o *chassis* reforçado, tipo X, brincos de molas em U, silenciosos, com o comprimento total entre para-choques de 4,^{m}47, a embraiagem dum só disco, trabalhando a sêco e a caixa de velocidades silenciosa e sincronisada. Botão de busina ao centro do volante, arranque, acelerador de mão e botão de choque, com fechadura de ignição no *tablier*, amortecedores hidráulicos de acção dupla, tipo aviação, e vidros de segurança no para-brise e em todas as janelas.

O Willys de 1937 é um carro sólido, resistente e elegante, proporcionando o melhor confôrto e maior comodidade, com as características dos automóveis de mais elevada categoria e por um preço muito mais abordável, acrescendo a vantagem de um diminuto consumo.

Que todos a quem interesse a aquisição de um automóvel se dirijam à rua do Crucifixo, 57 — stand C. Santos, L.da, *afim de constatarem estas nossas asserções.*

HUMORISMO



Um irlandês tinha diante de si um espelhinho de algibeira e parecia mirar-se nêle atentamente. Mas um vizinho reparou que o homem fechava os olhos e preguntou-lhe:

— Que está você a fazer com êsse espelho e os olhos fechados?

— Ora essa!... — respondeu o irlandês — estou a procurar vêr a figura que faço quando estou a dormir.

■

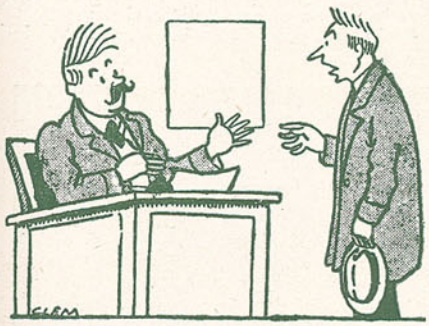
— Quem inventaria a quaresma? — pregunta um sujeito, que não gostava de peixe, a um convidado do lado.

— Ora, quem havia de ser! — respondeu o outro — foi S. Pedro, que era pescador, e queria fazer o seu negócio...

■

Uma criada para todo o serviço entra em funções. Prèviamente, porém, a patroa formula a seguinte pregunta:

— Pode dizer-me porque foi despedida da casa onde esteve ultimamente?



— Onde mora?
— Na travessa dos homens casados...
— Mas isso não existe!
— Existe, sim, senhor... é a travessa dos Mártires...

Ao que a criada responde algo desabridamente:

— Quer-me parecer que a senhora é muito curiosa!... Por acaso lhe pregunto eu porque rasão a criada que cá estava antes de mim se foi embora?

■

— Quanto tem você para sustentar minha filha?

— 3.000 escudos por mês.

— Está bem. Ela também tem 3.000 escudos de rendimento.

— Pois é com êsses que eu conto.

■

— Mamã, é verdade que eu descendo do macaco?

— Para te falar com franqueza, não conheci a família de teu pai.

■

— Venha cá jantar amanhã — disse um sujeito a um parente pobre.

— Não podia ser depois de amanhã?

— Póde. Mas onde janta amanhã?

— Janto cá; mas para a amanhã já a sua esposa me convidou.

— Estive quási a arranjar um emprêgo de um conto de réis por mês e um mês de férias em cada ano.

— E porque não o arranjastes?

— Porque queria começar no mês das férias.

■

— Eu, quando digo uma asneira, sou logo o primeiro a rir.

— Por isso o senhor anda sempre tão alegre...

■

— O' minha senhora, têm de mandar chamar depressa o médico para o menino Guilherme.

— O que foi, meu Deus! O que aconteceu?

— Não sei, minha senhora, mas ha duas horas que êle não faz nenhuma maldade.

■

Duas senhoras muito feias estavam à beira de um enfermo.

Êste viu-as e dirigiu-se, baixinho a um amigo:

— Sinto que vou morrer...

— Porquê homem?

— Porque li em vários livros que à hora da morte a gente não tem senão visões estranhas... e eu agora tenho-as medonhas!

Um bêbado percorre, aos zigue-zagues, de candieiro em candieiro, a rua onde habita. O polícia de giro interpela-o:

— Você não tem vergonha? Há dez anos que o conheço, e há dez anos que o vêjo sempre bêbado!...

— Ora que admiração!... retorquiu o borrachão — também há dez anos que eu o conheço a você e sempre o vêjo... polícia!...

■

A dona da casa, para a criada:

— Disseste àquelas senhoras, que eu não estava em casa?

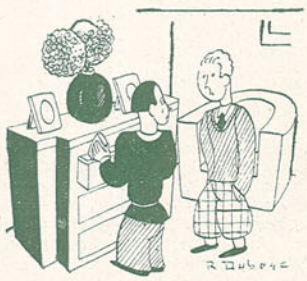
— Disse, sim, minha senhora.

— E elas, o que disseram?

— Disseram só isto: "Que grande felicidade!„

■

Certo indivíduo analfabeto, estando a conversar com alguns amigos, recebeu um bilhete em que um vizinho lhe pedia



— Estou a esconder os cigarros por causa da mamã...
— Tens medo que ela te bata?
— Não. Tenho medo que ela mos fume.

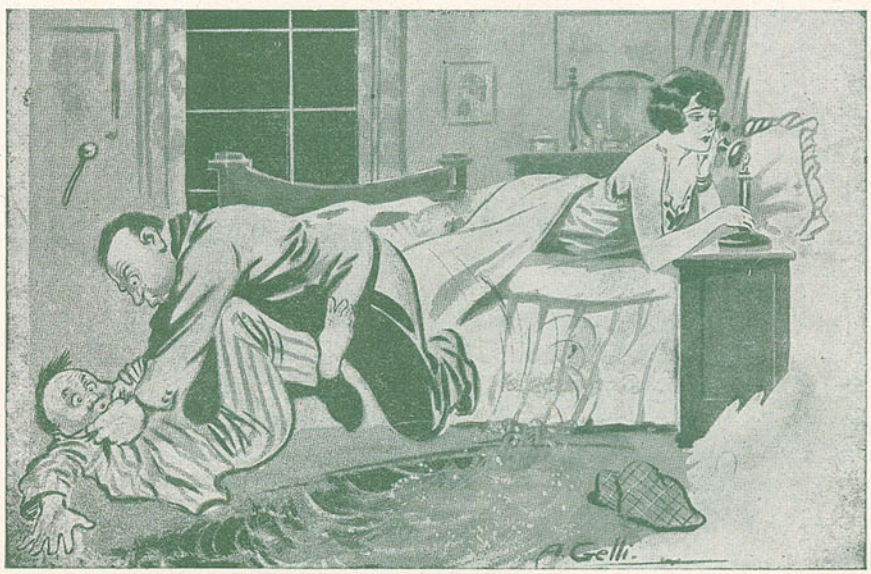
um burro emprestado. Olhou para o bilhete e, não querendo mostrar que não sabia lêr, disse ao portador:

— Fico ciente. Lá me têm daqui a bocado.

■

Barnabé escreve a um amigo:

— Se amanhã tiver cinco minutos de meu, irei passar umas horas contigo.



A esposa, enquanto o marido se vê aflito nas garras dum ladrão:
Está lá?... Dá-me informações? Sim... É para preguntar o número do telefone da polícia...

A leitura é absolutamente necessária à mulher de hoje, é um alimento do espírito, como o pão o é do corpo. Não se suporta a mulher ignorante, é preciso, no entanto, que a mulher que lê o faça com critério e não julgue que porque lê meia dúzia de livros é uma sábia, e, pode desdenhar os trabalhos caseiros e os lavores femininos.

É êste um dos maiores êrros da vida de algumas mulheres, que se sentem rebaixadas por se ocupar dos assuntos caseiros, que são uma obrigação para tôda a mulher.

Governar a casa, olhar pelo seu arranjo, tratar da roupa, são ocupações, que não brigam com a leitura, com a cultura do espírito, e, que não a impedem, se não se perder tempo com tantas distracções inúteis e às vezes até prejudiciais.

A falta de tempo é a maior luta da gente moderna: são tantas e tão variadas as ocupações da gente de hoje, que o tempo voa e não há meio de se realizar tudo o que é preciso.

Mas a mulher metódica e arranjada, consegue sempre uma hora por dia, para dedicar à leitura duma obra útil, que lhe sirva não só de distracção como de bagagem preciosa na vida.

A leitura desordenada e sem orientação tem muitos perigos; duma má leitura podem vir ideas errâdas sôbre a vida, que transtornem uma existência inteira.

Pierre de Coulevain, pseudónimo duma mulher, dum são critério e uma das mais brilhantes escritoras francesas do princípio dêste século, apresenta-nos num seu livro «Roman Merveilleux», que é a descrição da vida, o exemplo dum rapaz que aniquila a sua existência por ter lido, numa sala de espera, umas páginas dum livro pernicioso, páginas que lhe envenenaram a alma e o arrastaram a uma maneira de viver deprimente dissoluta, que com ela perde a saude e a vida.

Há talvez um pouco de exagêro no que diz Pierre de Coulevain, mas o que é certo é que há espíritos de tal maneira influenciáveis, que um mau livro pode prejudicar intensamente.

A mulher, e principalmente a rapariga, que não tem ainda o seu espírito formado não devem de maneira alguma ler livros, que lhes possam macular o cérebro, com imagens, que elas devem desconhecer. Há coisas sujas na vida, que não há necessidade alguma de serem conhecidas.

Há senhoras e meninas, que sentem uma natural repugnância por essas leituras e quando abrem por acaso um livro dêsses, imediatamente o põem de parte, mas noutras há um certo espírito de curiosidade do mal, que denota já uma ligeira tendência para êle e que é uma obrigação das mãis combater, vigiando estreitamente a leitura de suas filhas.

Quanta mulher que viveu sempre uma vida modesta e sossegada duma honestidade irrepreensível, uma vida invejável de dever cumprido, não sente um arrepiozinho de desejo ao ler um romance que descreve a vida aventurosa e de luxo, duma mulher que só lhe devia inspirar dó e tédio.

E muitas vezes êsse arrepiozinho tão insignificante, é a semente que fica a germinar no espírito, e, que numa hora de perigo, se desenvolve e floresce, numa imensa seara de desejos insaciados, que podem levar às mais funestas conseqüências e muita vez são a causa duma ruina completa num lar, que era feliz e onde não entrára a ideia do mal até à leitura do livro fatal.

E' preciso pois que haja o maior cuidado com a leitura e nós mesmas temos para connosco próprias, o dever de nos impôr, numa disciplina que não nos permita deixar extrair no cérebro a semente, que póde germinar e florir, bem contra nossa vontade.

Cada pessôa é um mundo, dizem os espanhois, e nós temos a obrigação de governar e disciplinar êsse mundo, de maneira a que êle obedeça ao govêrno do cérebro que o mantém.

A leitura, indispensável, deve ser bem escolhida, de fôrma a que contribua para melhorar o nosso ispírito e a nossa alma, para os adormecer e embelezar e não para os diminuir e sujar com os destritos da vida, que escorrem de certas páginas, que são nocivas e repugnantes.

Maria de Eça.

A moda

APROXIMA-SE a primavera e já os costureiros parisienses, ditadores da moda lançam as suas primeiras criações para regosijo das mulheres de todo o mundo, ansiosas por renovar a sua beleza, com a modificação das suas «toilettes».

No seu desejo de primavera de renovação a mulher, como a crisálida, quer tornar-se borboleta e anseia por abandonar os casacos de inverno, que lhe escondem a graciosa silhueta e querem mostrar-se, nos leves vestidos primaveris que lhe deixam livres os movimentos e lhe permitem exibir tôda a sua elegância.

Mas nem sempre a prudência aconselha essa renovação do guarda roupa, porque a primavera traz-nos muitas vezes a desagradável surpreza de dias húmidos ou ventosos que nos fazem saüdades e grandes, dos abafos de inverno de que já desdenhavamos, sem pensar que ainda nos seriam úteis e até muitas vezes bem necessários.

Por êsse motivo damos um lindo modêlo de casaco em veludo imitando «breitschantz», em claro, o cinto é fechado com dois botões em madeira do mais gracioso efeito. O chapeuzinho no mesmo veludo tem apenas como guarnição um dêsses botões.

Êste conjunto elegante e confortável muito prático em certos dias de vento áspero e cortante, é usado com muita graça e distinção, por Gertrude Michaels a graciosa estrêla da «Paramount» Pictures», que tem o seu lugar bem marcado, entre as elegantes do cinema.

Como vestido simples para usar de manhã, temos um gentil modêlo em lã azul escuro. Saia e corpo ajudado por botões do mesmo tecido, fechando ao lado. Gola e canhões nas largas mangas; em «taffetás» azul claro com pintas brancas. Este vestido desenha o corpo esbelto de Eleonor Whitney, da «Paramount», que completa a sua «toilette» com um chapeu «bolero» à espanhola em palha azul escura. Os «boleros» usar-se-ão muito em honra da Espanha nacionalista, os sapatos em camurça azul escura, as luvas em «suéde» e a carteira, formam um gracioso conjunto duma discreta elegancia, que convém a uma rapariga muito nova, que goste de vestir bem e com a simplicidade, que a sua frescura embeleza.

Para a tarde, podem inspirar-se na «toilette» que adorna a espiritual beleza de Eleanora Powel da «Metro Goldwyn Mayer», que sendo da máxima distinção, tem muita elegância e um «chic» muito especial.

Em «marrocain» de lã «beige» vestido e casaco «trois-quarts» tem êste conjunto uma original guarnição em veludo castanho encordoado, que forma o «empiécement» e o cinto do vestido, a gola, bandas e canhões do casaco. O chapeu é uma boina de marinheiro francês, encaixe em palha «beige» e a boina em veludo castanho. Sapatos e luvas castanhas, tendo estas os canhões encordoados como a guarnição do vestido.

As mangas continuam a ser a nota marcante nas «toilettes» quer de dia, quer de noite, como se pode ver no vestido de «taffetas» preto, que usa Mary Ellis a interessante artista da «Paramount».

Este vestido sem guarnição alguma, torna-se notado pelas mangas, talvez um pouco exageradas mas sem dúvida graciosas, que o tornam elegante e dum «chic» muito particular.

PÁGINAS

Cleópatra

A célebre rainha do Egipto, que com o seu encanto seduzia os homens e os enlouquecia, fazendo-os atraiçoar os seus deveres, para lhe servir a ambição, não tem em geral a simpatia da mulher, e, porquê? Dirão.

Simplesmente porque essa mulher bela, como o amanhecer suave e brando das poéticas margens do Nilo, como alguém dela, escreveu, essa mulher que conhecia a alquimia e a feitiçaria, como os sábios dos Faraós, servia-se dos seus encantos naturais e da sua ciência apenas para chegar à realização das suas ambições de poderio, de mando, e de riquezas, e, foi uma mulher que nunca amou!

Como uma sereia de cuja voz tinha as cadências, seduziu e empolgou Marco António e com as suas falsas lágrimas tornou em cera mole o duro bronze do coração de Júlio César.

Cleópatra a-pesar-da sua beleza, do seu pode-

FEMININAS

rio, dos seus múltiplos encantos físicos e intelectuais, foi e será sempre uma mulher antipática, porque foi impura, má, sacrílega e traidora? Não! porque nunca foi feminina nos seus desmandos, porque o seu coração nunca se enterneceu num sentimento de afecto, que fizesse desculpar e compreender os seus êrros.

Essa mulher foi a personificação do mais imperdoável defeito em alma feminina, do egoismo mais completo.

Costumes e usos de sociedade

A gente nova tem abolido muitos dos usos e costumes de sociedade, que lhe parecem importunos e maçadores. Têm talvez razão em não querer peias na sua vida, mas, quem assim pensa tem de viver à margem da sociedade e não ter convivência social. Há usos que se tem de manter numa sociedade de gente bem educada, porque sem êles faltaria tôda a base para a convivência entre si de genteda mesma educação.

Quando há a apresentação de duas pessôas, a mais nova ou de menos categoria social, deve ir deixar o seu cartão nos dias que se seguem à apresentação, em casa do seu novo conhecimento.

Se houve simpatia e desejo de continuar as relações, essa pessoa que recebe o bilhete, deve pagar a visita entrando e demorando-se algum tempo, no caso de não querer estreitar relações, deixa apenas o seu cartão, pagando assim a gentileza de que foi objecto, sem se comprometer a ter relações de mais ou menos intimidade.

São praxes estas que parecem ridículas a muita gente, que se diz educada, mas sem as quais se não pode estabelecer convívio entre gente civilizada.

Mulheres de negócios

Há anos a Câmara de Comércio de Londres contava apenas cinco mulheres entre os seus membros. Em 1926 já eram cinqüenta e agora contam-se às centenas. O elemento feminino tomou com efeito uma importância considerável na vida da «City» e poder-se ia citar mais duma directora de emprêsa comercial que ganha vencimentos de 10.000 libras por ano.

A actividade destas princesas de negócios abraça as mais diversas esferas: dirigem agências teatrais, grandes restaurantes, fábricas de lápis, de doces, de chocolates, casas de perfumarias, fábricas de fiação, tipografias, vendas de automóveis, são agentes de publicidade, fabricantes de artigos de desporto, importadoras de cidra ou de artigos coloniais.

A indústria dos hoteis é representada por uma aristocrata «lady» Tonyod.

Mas não só na Inglaterra se nota êste movimento, por tôda a Europa êle se tem feito sentir, e, mesmo entre nós há já senhoras que dedicam ao comércio, sobretudo nos assuntos de indumentária feminina, temos alguns interesantes exemplos da actividade feminina e das suas suas faculdades, para o negócio.

Higiene e beleza

As constipações, principalmente os defluxos, são das maiores inimigas da beleza feminina. E nesta época de humidade, êles espreitam-nas por tôda a parte, há uma festa em perspectiva e aí temos os espirros contínuos, o nariz vermelho e inchado, os olhos pequeninos e chorosos.

Para poder assistir a essa festa tratemos de melhorar ao menos durante umas três horas. Uma pulverisação no nariz com com um produto a base de efédrina, que impede de assoar continuamente. Com uma massagem desengordurar a pele, cuidado com a «maquillage», muito ligeira e nada de «risumel», um comprimido de aspirina e tem umas horas de alívio.

Logo que se sente os primeiros ataques dêsse incomodativo mal, deve untar-se o nariz com uma pomada, cold-creme ou lanolina, para assoar, pôr de parte os lindos lencinhos bordados, e, usar êsses papéis japoneses que há nas farmácias e que servem só uma vez.

De vez em quando umas compressas quentes sôbre o nariz, e na testa, para descongestionar. Mas hoje em dia, só está constipada quem quer. Uma boa sessão de diatermia cura o mais rebelde defluxo.

Receitas de cozinha

Cabeça de vitela com môlho Gribeche: Escolhe-se meia cabeça de vitela que seja muito branca; desossa-se e parte-se em 4 bocados, que se dividem em porções (a orelha, o focinho, etc.). Coze-se da seguinte maneira: Dissolvem-se duas boas colheres de farinha em dois litros de água fria, juntam-se-lhe 15 gramas de sal, três colheres de vinagre e um ramo de cheiros; fazem-se ferver e mergulham-se depois os bocados da cabeça de vitela.

O tempo da cozedura leva uma hora e trinta minutos, mas faz-se lentamente a lume brando.

Tira-se do lume escorre-se a vitela num guardanapo e põe-se numa travessa rodeia-se de salsa, podendo faz-se acompanhar de fatias de língua e miolos panados. Môlho: Numa tijela esmagam-se as gemas de dois ovos cozidos, juntam-se-lhe duas pitadas de sal, uma pitada de pimenta, uma colher de café de mostarda; é sôbre isto deita-se um fio de azeite, como se fôsse para môlho de «Mayonnaise», três decilitros de azeite, bastam; completa-se o môlho com meia colher de alcaparras, 2 pepinos pequenos de conserva, cerefálio e astragão e uma colher de salsa picada e as claras cortadas em dados, deita-se depois de engrossar sôbre a vitela.

Sandwiches marujas: — Compram-se pãesinhos alemães compridos que são próprios para «sandwiches» e se vendem nas padarias ou pastelarias. Abrem-se ao meio e ao comprido, barram-se de manteiga primeiro e depois de puré de anchovas (que se vende já preparado em bisnagas) fecham-se e dá-se-lhes um golpe na parte de cima onde se coloca uma vela de papel branco dobrado, as «sandwiches» parecem assim barquinhos.

De mulher para mulher

Receiosa: Minha senhora, não compreendo os seus receios, quem cumpre o seu dever nada tem que recear. Siga sempre por êsse caminho que vai muito bem. Dança-se efectivamente na quaresma, mas quem pratica como V. Ex.ª deve abster-se dessa distracção. É uma questão de escrupulo e consciência, apenas.

Borboleta: Vejo que continua borboleteando e que pede conselhos, apenas para ter o gôsto de ouvir opiniões contrárias às suas, e seguir, fazendo o contrário do que se lhe diz. É um desporto como outro qualquer. Sabe bem a minha opinião a êsse respeito. E cuidado com . . . as azinhas que vejo em grave perigo de se queimarem, e, depois vem o dilúvio das lágrimas.

Queria ser estrêla: Há até quem queira a lua. É uma questão de mania. Tenha juizinho, seja o que sua mãi lhe diz e deixe-se de fantasias. Ser estrêla a valer no firmamento do cinema é quási tão difícil, como exigir a lua que paira na abóbada celeste. E nada menos do que Hollywood. Isso é que é imaginação.

Pensamentos

Os anos são sempre acompanhados de experiência. — *Schiller.*

As crianças são a esperança da juventude, como à juventude é a esperança do homem. — *Goethe.*

O natural das mulheres está tão próximo da falsidade. — *Goethe.*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 77

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado; Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha; e Dicionário de Sinónimos, de J. S. Bandeira.

APURAMENTOS

N.º 68

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO
N.º 18

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

OLEGNA
N.º 23

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 22, Miss Diabo; n.º 11, Quim Mosquito

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 24 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra.

QUADRO DE MÉRITO

Rei Mora, 23. — Ti-Beado, 23. — X 505, 23. — Capitão Terror, 23. — Salustiano, 23. — Rei Luso, 23. — Só-Na-Fer, 23. — Só Lemos, 23. — Sonhador, 21. — João Tavares Pereira, 21. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 19. — Lamas & Silva, 16. — San-Fer, 14.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 10. — D. Dina, 10. — Lisbon Syl, 8. — Aldeão, 6.

DECIFRAÇÕES

1 — Deli-lio-délio. 2 — Impo-porém-imporem. 3 — Nona-nada-nonada. 4 — Ana, una, ara, ano. 5 — Numerosas. 6 — Pato-arminho. 7 — Anafaia. 8 — Seelo-sêlo. 9 — Materno-mano. 10 — Raxelo-ralo. 11 — Proterva-prova. 12 — Pateca-paca. 13 — Megera-mera. 14 — Nuelo-nulo. 15 — Meladomêdo. 16 — Leiva (o magoto (*leva*) tem no meio um (I). 17 — Pinta-o-ão. 18 — *Incharios*. 19 — Caso-soar-casoar. 20 — Pôr, mor, par, pós. 21 — Arcano. 22 — Chamamento. 23 — *Usado*. 24 — Homem na praça, mulher em casa.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Êsse *rabino, pessoa feia* e má, tem agora uma *paixão?* (2-2) 3.
Lisboa — *Kid-Nyo*

2) A *capa* não encobre o *pacote*, por ser pouco *escura*. (2-2) 3.
Lisboa — *Mefistófeles*

NOVÍSSIMAS

3) *Adoro* a «*mulher*» que goste de *planta medicinal do Brasil*. 2-2.
Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

4) A *bebedeira* é, algumas vezes, "*causa*" de um *aguaceiro*. 2-1.
Luanda — *Ti Beado*

5) É num *mealheiro que* se guarda bem o *folhelho do milho*. 1-1.
Luanda — *Ti-Beado*

SINCOPADAS

6) Comemos o *jantar* a bordo da *embarcação do Ceilão*. 3-2.
Lisboa — *Bibi (Abexins)*

7) Regulo-me sempre pelos *relógios* dos meus *vizinhos*. 3-2.
Lisboa — *Négus Veiga (Abexins)*

8) O «*Garrido*» tem a mania de que conhece a carne de cavalo só pelo *cheiro*... 3-2.
Lisboa — *Sepol*

9) Julgar-se *nobre indiano* é tornar-se *pessoa tôla*. 3-2.
Luanda — *Ti Beado*

(Fraca homenagem ao autor da n.º 7, inserta no «Desporto mental» n.º 20)

10) É *vigoroso poeta*. 3-2.
Luanda — *Ti-Beado*

11) A *ordem* nas nações não deve vir *perto*. 3-2.
Lisboa — *Zé da Burra*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

12)
A minha casa de campo
Nada tem para animar,
Nem mesmo uma «*violeta*»
Lá tem para a enfeitar.

Coimbra — *José Tavares*

13)
Na tua voz vi com tristeza,
Meu bem amado,
Os restos, *cinza* com certeza,
Do teu passado.

Lisboa — *S. Irene*

TRABALHOS DESENHADOS

18) ENIGMA PITORESCO

IVO RAMA — LISBOA

14)
Só com quatro letras,
Tôdas invogais
Boa *doutrinação*
Bem administrais.

Luanda — *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

(À confreira YZINHA, com os meus respeitos)

15)
Que noite tão negra e fria!
A chuva cai sem cessar.
No rigor da invernia
Ouve-se o vento ulular.

Ribomba atroz o trovão,
Com chispas iluminantes.
É horrível a visão.
Treme a Terra por instantes.

E a chuva dá na vidraça,
Agora mais ferozmente.
Na rua já ninguém passa,
Nem se vê sombra de gente!

Ressoa na treva densa,
Vem pelo vento impelido,
— Dor cruel e mágoa imensa! —
Um prolongado *gemido*. — 3

Será dalgum inocente,
Ou do vento nos pinhais?
E a chuva cai fortemente,
E ao longe soam os ais!

Noite de horror e sem-fim,
Inimiga da pobreza...
A chuva cai dentro em mim,
No coração fica prêsa...

Sòmente os ricos não dão — 1
Pela noite de invernia...
Pobres dos lares sem pão,
Sem lume, sem alegria.

Negra, a noite continua,
Nesse seu manto *plangente*...
Nem viv'alma pela rua...
E a chuva cai inclemente!

Lisboa — *Luzi*

16)
Serafim Braz Amador,
Donairoso D. João,
Dita leis, é professor
Em coisas do coração.

Fala com arte às mulheres,
E nisso põe tal virtude
Que as *arrasta* nos dizeres, — 2
Ficam pegadas com grude...

«*Onde*» vê cachopa bela — 1
Seu coração se arrebita,
Logo arremete com ela...
E... pronto... começa a fita!

Resistir não há memória
De alguma dama o fazer.
Cada caso uma vitória
Com mil beijos de mulher!

Diz o Braz que a sedução
Não dimana do falar:
— Deve ser um D. João
Esmerado no trajar...

Lisboa — *Nelson V*

SINCOPADA

17)
Dizia-me o Constantino
Ontem à noite, em segrêdo
— O «gajo» «bebe do fino»! —,
Que tinha estado em Moledo

A passar a temporada
O portento Baltazar...
Boato falso — mais nada,
Pois não quis acreditar...

Qualquer vilegiatura
Muita despesa origina,
E, embora tenha fartura,
O Baltazar não assina

Ver a «massa» a viajar...
Discute imenso primeiro
Que se resolva a largar
Dos seus cofres o *dinheiro*... — 3-2

Lisboa — *Laura-Ensa*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Capitólio

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte D. Ema Schepper Fássio, D. Gabriela de Goulartt Caldas Forte, D. Ida da Costa Blanch, D. Maria Carlota de Lemos Cabelo, D. Maria da Conceição Machado Pizarro de Sampaio e Melo, D. Maria Izabel Trigoso de Melo Guerreiro, D. Maria Justina Santos, D. Maria Luísa Amaral de Lemos, D. Palmira da Costa e Silva, e D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha, realizou-se na tarde do dia 5 do corrente, no cinema Capitólio, uma festa de caridade cujo produto se destinava a favor dos pobres da freguesia do Campo Grande, a qual elegantemente concorrida, tendo decerto a comissão organizadora ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro como mundano.

No Grémio Alentejano

A favor de várias obras de beneficência, realizou-se na tarde de segunda feira gorda, 8 do corrente, nos vastos salões do Grémio Alentejano, Paláclo S. Luís, uma festa infantil, seguida de «chá dansante» levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte Condessa de Castro, Condessa de Castro Marim, Condessa de Estarreja, Condessa de Vale de Reis, D. Daise Cohen de Bettencourt, D. Dalila Correia Leite Tavares de Carvalho, D. Estefânia Metrass de Campos Rodrigues, D. Josefina de Canto e Castro Salema, D. Luísa de Andrade Afonso dos Santos, D. Maria da Conceição Homem Pizarro de Melo, D. Maria Helena Cardovil Mesia de Almeida, D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha e Viscondessa de Taveiro.

O aspecto dos belos salões do Grémio Alentejano nessa tarde era verdadeiramente encantador, para o que muito o concorreu o grande número de famílias da nossa melhor sociedade que ali deram ponto de reunião.

No São Luiz Cine

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Adelina Santos, D. Cecília Van-Zeller de Castro Pereira, Condessa de Sabugosa e de Murça, D. Eugénia de Sousa e Holstein Brandão de Melo, D. Izabel de Sampaio d'Orey, D. Judite de Sousa e Faro de Lancastre, D. Madalena Lopes de Brion, D. Maria da Assunção Vilar, D. Maria das Dores Xara Brasil, D. Maria Inácia Vilar Chaves, D. Maria José Anjos Diniz Vilar, D. Maria de Lourdes da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela), D. Maria Luiza Freire Tôrres, D. Maria Manuel Meireles, D. Maria do Pilar de Melo Aguiar, D. Maria Rita Vieira da Rocha, D. Maria Tereza de Castro Pereira Guimarães, D. Maria Tereza de Mondoça Cardoso, e Marquesa de Pombal, realiza-se na tarde de quarta feira 3 do corrente, no «São Luiz Cine» gentilmente cedido pela empreza A. Ramos Limitada, uma festa de caridade, cujo produto se distina a favor da Escola Católica e Catequese da Freguesia de Santos-o-Velho constando o espectáculo da exibição de um sensacional programa de filmes, entre os quais figura a película «Koenismarck» e da apresentação da notável artista brasileira Celita Bastos, criadora do papel de «Canária» do fono-filme português «Bocage», que se fará ouvir em várias canções brasileiras, acompanhada à viola.

A casa encontra-se passada por tudo quê de melhor conta a nossa sociedade elegante, estando os poucos bilhetes que restam à venda no camaroteiro do salão, é de ver que a tarde de quarta feira, 3 do corrente, no «São Luiz Cine», marque pela animação e elegância.

Casamentos

Em Castelo de Vide, celebrou-se na paroquial de S. João Baptista, o casamento da sr.ª D. Maria Gertrudes Repenicado Mesia, interessante filha da sr.ª D. Ana Repenicado Mesia e do sr. dr. António José Abelha Mesia, com o distinto clínico sr. dr. Manuel Ricardo Chaves Costa, filho da sr.ª D. Maria Miranda Chaves Costa e do sr. José António Costa, servindo de madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Maria de Lourdes Mesia Frausto, e de padrinhos os srs. José Manuel Gomes e António Pereira Tavares, presidindo ao acto o reverendo Severiano Diniz Porto, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finissímo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, em digressão para o norte onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo monsenhor Fiadeiro, que antes da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria Guilhermina de Morais Columna, gentil filha da sr.ª D. Júlia de Morais Columna e do sr. José Maria Esteves Columna, com o sr. José de Lima Dias Falagueiro, filho da sr.ª D. Maria da Conceição Lima Falagueiro e do sr. António Dias Falagueiro, servindo de madrinhas as sr.as D. Palmira de Morais Columna Gonçalves, irmã da noiva e D. Maria Cândida Carvalho de Abreu e de padrinhos srs. Francisco José da Silva Gonçalves, cunhado da noiva e o tenente coronel sr. José Maria Pinto da Fonseca, seguindo se a missa rezada pelo prior da freguesia dos Santos Reis, ao Campo Vinte Oito de Maio, amigo íntimo da família dos noivos. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, oferecido pelos pais da noiva, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para a Serra da Estrêla, onde foram passar a lua de mel.

— Pelo sr. Duarte Moreira, foi pedida em casamento para seu filho Guilherme, distincto aspirante-oficial de engenharia, a sr.ª D. Maria Amélia Marques Ferreira, interessante filha da sr.ª D. Emilia Marques Ferreira e do distincto engenheiro e nosso colega na imprensa sr. Armando Ferreira, secretario geral da Companhia dos Telefones, devendo a cerimónia realisar-se por todo o corrente ano.

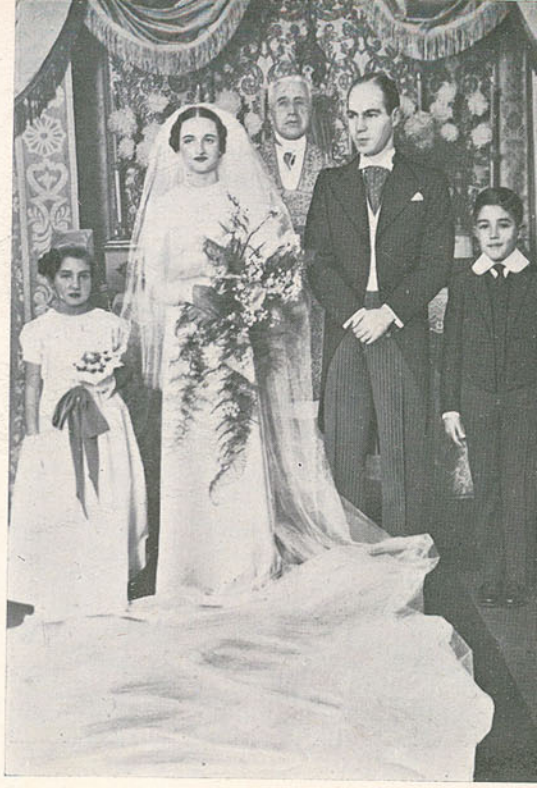
— Foi pedida em casamento pela sr.ª D. Ida Appleton de Oliveira Pegado, espôsa do sr. Roberto de Oliveira Pegado, para seu filho Frederico, a sr.ª D. Maria Ester Portugal Ribeiro Ribas, interessante filha da sr.ª D. Maria Angra Portugal Ribeiro Ribas e do sr. D. Manoel Ribas Patau, devendo a cerimónia efectuar-se por todo o corrente ano.

— Em São João do Estoril, celebrou-se na capela particular da sr.ª Judit Maia de Carvalho e do sr. Bernardino de Carvalho, o casamento de sua gentil filha D. Maria Cristina, com o sr. conde de Alto Mearim, filho dos saudosos srs. condes de Alto Mearim, servindo de madrinhas as tias da noiva sr.ª D. Lidia Maia Cabeça, representada por sua irmã a mãi da noiva e D. Amélia de Carvalho Maia, e de padrinhos os tios do noivo, srs. drs. Anibal Roque de Pinho (Alto Mearim), e José Maria Raposo de Sousa d'Alto Espargosa, presidindo ao acto Sua Excelência Reverendissima, o senhor arcebispo de Mitilene, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Serviram de caudatárias as sobrinhas do noivo meninas Maria Octavia e Maria Izabel Roque de Pinho Pinto Bastos, e conduziu as alianças o sobrinho do noivo Albano José Roque de Pinho Barreto.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de meza, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quém fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, a bordo do paquete «Alcantara» para Inglaterra e Belgica, onde fôram passar a lua de mel.

— Acaba de se ajustar oficialmente, o casamento da sr.ª D. Maria Emília de Lemos Franco, interessante filha da sr.ª D. Maria da Fresta da Silva de Lemos Franco e do sr. Artur de Lemos Franco, com o sr. Artur de Lemos Franco, com o sr. Alberto de Saldanha da Gama de Cabêdo e Vasconcelos (Zambujal), filho dos srs. viscondes de Zambujal, devendo a cerimónia realizar-se êste ano.



A sr.ª D. Maria Antónia Franco Leitão e o sr. Alberto José Neto Rebelo Maia, dor ocasião do seu casamento, celebrado em capela armada na elegante residência do pai do noivo

(Foto *Alvaro Campeão*)

— Celebrou-se em capela armada na residência do pai do noivo, o casamento da sr.ª D. Maria Antónia Franco Leitão, gentil filha da sr.ª D. Antónia Sousa Franco Martins Leitão e do sr. Raul Martins Leitão, com o sr. Alberto José Neto Rebelo Maia, filho da sr.ª D. Izabel do Carmo Neto Rebelo Maia, já falecida e do sr. Alberto Ferreira Maia tendo servido de madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Celestina Meyra e de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche na salão de mêsa, seguindo os noivos aquem foram oferecidas grande número de vaviosas e artísticas prendas para as Caldas da Rainha, onde foram fixar residência.

— Para o sr. Henrique Monteiro da Silva Leite, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Lucinda da Conceição Monteiro Leite, espôsa do sr. António Fernandes Leite, à sr.ª D. Maria das Dores Miranda Taveira Bordalo, a sr.ª D. Benvida dos Anjos Miranda Taveira, gentil filha da sr.ª D. Maria dos Anjos Miranda Taveira e do sr. Arcédio Guedes Taveira, já falecido, devendo a cerimória realizar-se por todo o próximo mês de Maio.

Nascimentos

Na residência de seus pais a sr.ª D. Emília de Anciães Proença Pereira do Vale e do sr. Elízio Pereira do Vale, teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Regina Pereira do Vale Salgueiro da Costa, espôsa do distinto engenheiro sr. João Inácia Salgueiro da Costa. Mãi e filho estão de perfeita saude.

— Teve o seu bom sucesso, a sr. D. Cristina Soares de Oliveira Aiala Boto, espôsa do nosso colega do «Diário da Manhã» Aiala Boto e filha do ilustre general sr. Domingos de Oliveira, comandante militar de Lisboa. Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Margarida Pignatelli Teles de Vasconcelos de Aguiar, esposa do deputado da nação sr. Dr. António de Aguiar. Mãi e filha estão felizmente bem.

D. Nuno.

ROSA DOS CAMPOS ...ROSA DE AMOR

ROSINHA! Vem cá, que te quero falar! — chamou de dentro a voz aflautada da senhora Custódia.

Logo Rozinha, moça esbelta de farta trança castanha e belos olhos aveludados, côr de azeitona apressou-se a largar sôbre a pedra do tanque a roupa branca que batia, e enxugando os braços bem torneados, tostadinhos do sol, acorreu ao chamamento.

— Já lá vou de corrida, minha mãi. E de corrida entrou, fulgente centêlha de mocidade, a rescender aos perfumes capitosos dos campos, alegrando com o seu cantarolar incessante, o lar humilde mas asseado, onde, a mãi a criára com o maior mimo que a viuvez lhe permitira. Ainda mal Rosinha tintilava os primeiros balbucios, quando lhe morreu o pai que voltara da Grande Guerra com o mal que o havia de abater.

Nesse dia, porém, nem o rosto enrugadinho, circundado de cabelos grisalhos, sorriu como habitualmente, nem Rosa, num turbilhão, se lhe atirara ao pescoço, ao som de muitos beijos que a velhota fazia terminar, fingindo-se zangada.

Junto da mãi, mão direita na ilharga, a esquerda torcendo em evidente enleio os cordões do corpetinho que lhe ajustava o busto formoso, Rosa pousára os olhos no chão, e não bulia, até que a senhora Custódia, se voltou para ela, e, envolvendo-a numa carícia, disse:

— Minha filha. Chamei-te... pois preciso duma resposta para dar ao Manuel... Disseste-me que ias pensar, pensar te deixei... que nessas coisas de casar, não quero ter remorsos nem ouvir recriminações! Mas, já passou uma semana... E o Manuel quere saber a tua decisão, filha!

— Mas que pressa, minha mãi!

— Pressa?! Para ti, talvez, que andas para aí sem alegria nem côres! Mas para êle? Lembra-te que tem vinte e oito anos, e sobram-lhe terras para viver sem precisões... é trabalhador, é sério... Achas então que é ter muita pressa em querer casar com cachopa que derriça ha perto de três anos?

Rosa não respondeu logo. Bem lhe transparecia no rosto a aflição que lhe tomava a alma, e lhe apertava a garganta, num amargo sem fim.

— Então, Rosinha? — insistiu a mãi — o que respondes?

— Que não, mãi! que não! Tenho pena de lhe ter feito perder tempo... mas, a falar-lhe a verdade... não gosto do Manuel para casar!

A senhora Custódia, levantou-se de mãos na cabeça. Achava-se abalada a sua costumada placidês ante a recusa da filha, que assim rejeitava um partido de "mão cheia", o melhor que ali, na terriola pobre, se podia oferecer a uma rapariga da condição de Rosa.

Por fim, a velha foi resmungando:

— Não te quero obrigar ao casamento, filha, embora nisso tivesse gôsto, mas peço-te que não andes a fazer castelos no ar...

E, como Rosa se tornasse còrada como uma papoila, a velha prosseguiu:

— Bem sabes a que me refiro! Que dianho de minhocas se te meteram na cabeça! Recusar o Manuel, uma joia, uma joia! Acaso endoideceste?

Rosinha, pôz os olhos no chão e prorrompeu em soluços. Logo a nascente cólera da mãi se abrandou, e, atraída pelos velhos braços, a rapariga ajoelhou-se, e escondeu a cara no regaço amigo.

— Bom! bom! "tá" bom, rapariga! dizia a velha para a sossegar. Não queres o Manuel? Pois não queiras! Tolo é quem não casa, mas mais tolo é quem se deixa casar! Homens... há muitos, e Rosinhas, só ha uma, bonita como mais ninguem! Então? Bonda de chorar! Pois eu havia de casar assim a minha filha? Noiva que que não ri, adeus minhas encomendas...

Rosa, apesar de sossegar com a solução encontrada pela mãi, via-se que sofria. Embora rude, tinha lido muito, estudado muito e sabia compreender as coisas como uma menina inteligente e prendada...

Mas para quê tanta educação, tanta instrução, se ela não passaria nunca duma pobre camponesinha, despresada e ignorada? Para quê? Para lhe fazer secar no seio, as flôres de alegria, a do descuidoso bem estar em que ela vivera e perfumara a vida, se não fôra ter subido de mais... ter fugido do estreito ambiente onde a mãi vivera, e fôra feliz!

Rosa, insatisfeita, insaciada, lutando contra as cadeias da estreita incompetência que a apertavam no círculo estufante da vulgaridade, estiolava-se, ardendo no próprio fogo, consumindo-se de dôr, porque, tendo nascido para um mundo superior, fôra condenada por isso ao sofrimento!

Isto não empreendeu a pobre mãi!

Mas que importava? Ela sabia que a sua filha penava! Tanto bastava para que penasse também...

E Rosa declarou:

— Não sei como isto é, mãi! Mas não posso aceitar a vida desta gente! não posso pensar que o meu marido tem de ser um dêsses cavadores... Não posso! Bem dizia o senhor reitor que uma rosa era flor de jardim... e não de campo! Pobre senhor reitor! Eu gostava que o meu marido soubesse falar... dizer coisas lindas, ainda que eu não o compreendesse, e fôsse diferente... muito diferente!

Teria advinhado a senhora Custódia o pensamento oculto que ditara aquela frase, por um dêstes misteriosos casos da transmissão? Teria podido adivinhar a cêna que Rosinha evocava?

Essa manhã, braço sôbre braço, ela passeava com o fidalguinho da Eira, o Pedrinho Montalvão, que com Rosa brincára na infância, e lhe dissera: Vês? Entendes? Rosa, linda rosa dos campos, mil vezes mais perfumada que as rosas da cidade... Vês? Por êste céu de encanto trinam as aves em côro, num hino ao Criador que as fez belas e livres... Cantam regatos... gemem as noras... murmuram segrêdos as arvores... Toda a natureza canta e vibra de amor! Amemo-nos pois, Rosa, que sômos belos e jovens! Queres ser minha mulher? Olha, flor dos campos, queres ir viver para os jardins? Serão os jardins dignos de gosar o teu perfume? Rosa dos campos, sê para mim a rosa do Amor, a rosa da Vida!

Então, ela, a pobre flor estonteada com as carícias de sedutora borboleta que adejava em sua volta, teve medo, um medo horrivel, quiz fugir, gritar, mas apertava-a um braço... E ela acabou por prometer:

— Sim! Sim, Pedrinho! Logo, á boquinha da noite, junto ao muro da Eira, eu responder-lhe-ei!

E Rosa fugiu então, alvoraçoda, ouvindo ao longe como um repicar festivo de sinos em doirada hora do casamento, a voz do namorado, que lhe dizia ainda:

— Sem a tua resposta não posso partir alegre... nem confiante!

Teria a senhora Custódia advinhado o seu pensamento?

Fez-se mais branca que a branca cal das paredes, arrancou da garganta um gemido surdo, e de semblante sombrio, apertando os pulsos de Rosa nas mãos débeis que o desespêro enrijava, inquiriu, de chofre:

— Rosa! Filha! Que te disse o Pedrinho? Que quere o fidalguinho da Eira?

Rosa, assim desperta da visão, córou, estremeceu, e titubiou, assustada:

— Não disse nada, minha mãi!

— Mentes, Rosa! Tu mentes!

Então, porque não sabia, não podia e não queria mentir, Rosa acabou por desabafar com a mãi.

No fim, ambas choravam.

De alegria?

Não, ela, a pobre velha, conhecia a perversidade do homem, conhecia o fidalguinho... previa a cilada. E disse assim:

— Tu podes ir logo à noite à Eira... Vai dizer ao Pedrinho que casas com êle... Vai! Mas, eu juro-te, minha filha, que quando voltares a esta casa, eu terei partido a juntar-me com o teu pai! Entendes-me, minha filha? Que se êle quiser bem, aqui, a mim, te vem buscar!

E Rosinha entendera...

E não foi levar ao namorado a resposta que o faria partir confiante e alegre.

Rosa dos campos... era uma rosa de amor, que sem a roseira não poderia viver... era uma rosa muito bela para que fenecesse colhida pelas mãos cruéis dum filho da cidade...

.....

E não cantou mais... que o fidalguinho ali, à roseira-mãi não a quisera vir buscar...

Rosa, como um pobre rouxinol apaixonado, perdera a sua alegria. Rosa dos campos, estiolava-se numa sêde ardente do orvalho suave das madrugadas... Rosa de amor... que por amor se desfolhava!

Minha linda, minha pobre Rosinha!

A ela chegara a nova do enlace do fidalguinho, na cidade, com uma flor dos jardins, com uma dália formosa, esquiva e perturbadora, nascida para o sol da cidade.

Passaram anos...

Numa tarde magoada e sombria de outono, enquanto as árvores saudosas dos lindos dias quentes se desfolhavam, como chorando o passado, descia o atalho que levava à outrora florida casa de Rosinha, um homem alto, de figura distinta, cujo rosto, teimosamente inclinado para o chão, furtava as feições aos olhares curiosos que com êle cruzavam.

Chegando junto da portinha de madeira, hesitou... e depois, empurrou-a e penetrou no jardinzinho, abandonado e inculto, onde as ervas cresciam num desabrochar auxiliado pela água que caía do tanque para o lameiro.

Estalavam-lhe as fôlhas sob os passos cautelosos, com um ruído plangente que dilacerava, num enervante murmurar de lágrimas recriminadoras.

O homem parou novamente em frente da porta, e bateu com os nós dos dedos.

E quando a porta se abriu, ouviram-se dois gritos:

— Rosinha!

— Pedrinho! Senhor Pedro!

E a pobre rapariga confusa, mal acreditava no que os seus olhos viam...

Sim! Era o Pedrinho!

Mas que diferença a dêsse homem lívido, de olhos ardendo em febre, para o rapaz esbelto, irónico, sedutor, que ela conhecera e amara.

Também êle se quedara imóvel, petrificado de espanto.

Rosinha, a linda flor capitosa que tanto o enlouquecera, era uma figura curvada, de rosto emmurchecido, sombreado de cabelos grisalhos!

Oh, os anos, os terríveis anos!

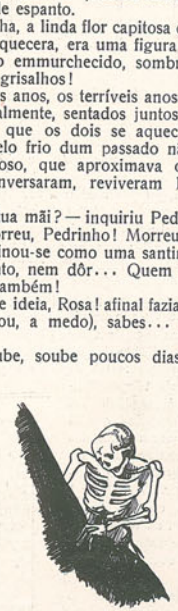
E finalmente, sentados juntos do braseiro a que os dois se aqueciam, gelados pelo frio dum passado não longo e doloroso, que aproximava o eterno fim, conversaram, reviveram lembranças...

— A tua mãi? — inquiriu Pedrinho.

— Morreu, Pedrinho! Morreu há dois anos! Finou-se como uma santinha, sem sofrimento, nem dôr... Quem me dera ter ido também!

— Que ideia, Rosa! afinal fazias falta... (e ajuntou, a medo), sabes... que me casei?

— Soube, soube poucos dias depois



daquela tarde... depois do senhor ter partido...

Seguiram-se uns momentos de evocação... e logo êle:

— Não fôste, Rosa... e fizeste muito bem! Eu era um doido!

— Doida era eu! Ah, senhor Pedrinho, bem castigada fui! Julgava-me mais que as outras, supunha-me superior a tôdas... desdenhei dos meus iguais, e afinal...

Um fundo ataque de tosse interrompeu-a, mantendo-a aflita, sufocada.

— Que é isso? Constipação?

— Não, não! Pior! É o mal do meu pai... É o mal que de mim, pobre rosa dos campos, vai fazer não tarda, uma fôlha caída como aquelas...

E apontava as fôlhas amarelas, que o vento fazia bailar no chão maninho.

Êle não respondeu. Vidravam-se-lhe de lágrimas os olhos.

Rosinha preguntou:

— E a sua vida, senhor Pedrinho?

— A minha vida... Casei... com uma Dália, uma flor, cujo nome indica tudo... Formosíssima, estonteante, adorável, era afinal uma flor sem perfume! Morreu-me um filho com dois anos, um pobre ser enfezado que Deus na sua bondade chamou a si! Ela, arruinada a saude, sem dinheiro nem património, fez se actriz, e morreu, em França! Estou só, sem ninguém, despedaçada a existência com trinta anos apenas... e o que é pior, Rosa, compreendendo que tem amei, e que por vaidade desprezei a flor que teria feito da minha vida um paraiso perene, com a sua graça e o seu valor!

Rosinha sorria... sorria docemente, e, como uma pobre rosa murcha, pendeu inerte sôbre os braços que se lhe estendiam...

.....

Rosa foi a enterrar num caixãozinho branco como a sua alma imaculada.

E sôbre a cova singela, enfeitada com irmãzinhas suas, e beijada pelas fôlhas caídas, chorava um homem...

Chorava... e enquanto essas lágrimas de dôr tombavam na terra fresca, uma promessa se fez:

— Aqui... ao teu lado... Rosinha... hei-de vir repousar em breve... Talvez no além, eu te saiba compreender melhor... Minha Rosa... Rosa dos campos... rosa de amor, que eu não soube colher!

Odette Passos de Saint-Maurice.

PIM DE PÊSTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 7, 4.
Copas — R. 9, 5.
Ouros — A. 8, 6, 5, 4, 3, 2.
Paus — 4.

Espadas — V. 2.	N	Espadas — D. 10, 6, 5.
Copas — 6, 2.	O E	Copas — D. 10, 7, 3.
Ouros — D. V. 10, 9.		Ouros — R. 7.
Paus — 10, 8, 7, 5, 3.	S	Paus — D. 9, 6.

Espadas — A. R. 9, 8, 3.
Copas — A. V. 8, .
Ouros — — — —.
Paus — A. R. V. 2.

Trunfo é copas. *O* sai pela Dama de ouros. *S* faz chelem.

(Solução do número anterior)

O joga 10 de paus, *N* o Ás de paus e joga depois o 2 de paus que *S* corta com 5 de espadas, e joga 2 de copas e *N* a Dama de copas, jogando 3 de paus que *S* corta com Ás de espadas fazendo o 4 de ouros. *N* entra do Ás de ouros e joga 6 de paus que *S* corta com Rei de espadas, fazendo, em seguida, o 7 de espadas.

N tira os três trunfos, ficando *S* com o Rei de ouros e as três cartas de copas.

N joga o Valete de copas e *S* o 8 de copas.

N joga 6 de copas, *S* prende do Ás de copas e joga o Rei de copas.

O corta quando quizer e joga ouros para o Rei de *S*.

Uma soma habilidosa

(Problema)

999
777
111

Dêstes nove algarismos que aqui se vêem, queiram cortar fora seis, de modo que os três restantes perfaçam a soma de 20.

Eram uma vez os olhos azuis

Segundo declarações dum oculista muito afamado de Londres, os olhos geralmente azuis das filhas de Albion tendem a tornar-se castanhos.

A luz eléctrica intensiva e a leitura demasiadamente abundante dos jornais são, ao que parece, as causas dessa estranha modificação.

Os olhos castanhos — segundo pretende o dito oculista — são mais aptos a suportar a fadiga e o brilho da luz do que os olhos azuis, de modo que a natureza, sempre equilibrada, não pode deixar de adaptar as meninas dos olhos às novas condições da vida.

A barba maior que êle

O campeonato nacional da maior barba, no Japão, foi ganho por Maojiro Kato, em Tokio.

Kato é um homensinho baixo mas tem uma barba colossal. De facto, é maior de que êle.

Tem 72 anos êste negociante de quinquilharias e mede cinco pés e uma polegada de altura, mas a sua barba tem cinco pés e seis polegadas de comprimento. Quando vai andando leva na mão um saquito onde mete a extremidade, solta, da barba.

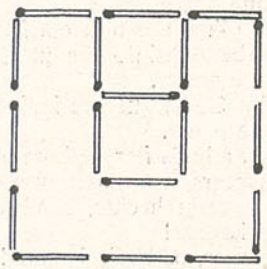
Divórcios rápidos

Está-se tornando conhecida na Europa a rapidez com que se obtem uma acção de divórcio em Amsterdam.

Em 1935, registaram-se ali apenas 185 divórcios mas no ano passado êsse número subiu a mais de 500. O divórcio passou a ser, ali, uma cousa tão fácil de alcançar que muitos belgas têm ido residir temporariamente em Amsterdam para se divorciarem nos tribunais daquela cidade.

Sempre os fósforos

(Solução)



As pandectas

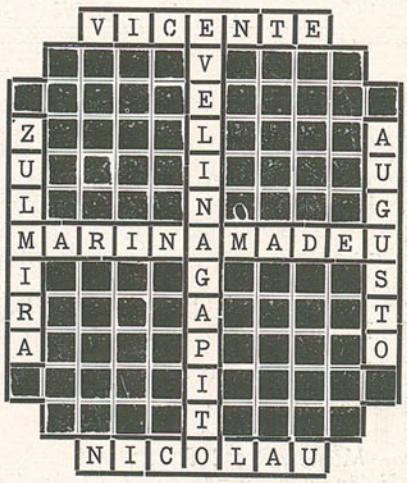
O manuscrito das *pandectas*, ou código, vasta compilação de leis romanas, que influiu na maior parte da legislação moderna, teve por muito tempo o nome de *pandectas florentinas*.

O original achou-se, pelos anos de 1150, no saque de Amalfi; e o imperador Clotario fez dêle presente à cidade de Pisa; quando esta foi tomada pelos florentinos passou para Florença e depositaram-na no palácio da República, em um gabinete ornado magnificamente: ao volume fizeram uma capa de côr de púrpura, com chapeamentos e fechos de prata e ornatos nos cantos, do mesmo metal, segundo o gôsto próprio daquele tempo. Confiáram-no à guarda dos religiosos Bernardos, que só o mostravam em certos dias do ano, como se fôssem relíquias sagradas; o principal magistrado assistia à cerimónia com a cabeça descoberta, assim como os frades, que nesse acto compareciam com tochas acêsas.

Na idade média, eram os livros tidos em grande raridade e estima, tanto noutros países como em Lisboa, onde o dr. Diogo Afonso legou em seu testamento que os livros que deixava a um colégio estivessem nas casas do mesmo, presos com correntes para os não levarem.

Os nomes cruzados

(Solução)



Vantagens da Telefonia

Os ouvintes da T. S. F., no sul da França foram, há meses, surpreendidos pelo seguinte S. O. S.:

«Está uma criancinha gravemente doente num hospital de Nice — dizia o locutor. A criança morrerá, a não ser que alguém possa depressa fornecer um medicamento especial feito em Bombaim. A criança chama-se Antoine Bon e está sofrendo duma moléstia oriental, chamada Kanaazar, que ataca o baço.»

Um farmacêutico de Cannes ouviu o apêlo e reconheceu o medicamento indicado pelo locutor.

«Mas eu tenho disso cá na farmácia!» exclamou.

E assim, poucos momentos depois, o precioso remédio ia a caminho de Nice, em grande velocidade.

E parece que a criança se salvou.

Prodígio matemático

Não sabendo ainda ler nem escrever, um rapazinho austriaco, de 5 anos, Meho Focic, sabe multiplicar ou dividir numeros de seis algarismos, encontrar-lhes as raízes quadradas, e ainda outras habilidades idênticas — tudo de cabeça e sempre correctamente.

— Espero que aprecie a honra que lhe dou em lhe fazer a confidência dêste capítulo secreto da minha vida, sr. Otávio. E' a única pessoa no mundo a quem eu jámais disse uma palavra a este respeito, a não ser um tenente de marinha de cujo nome me não recordo.

(Do «The Humorist»).

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE APARECER

Orações e Conferências

de CARLOS MALHEIRO DIAS

1 vol. de 176 págs., broch. . . . . **8$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **9$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.ª edição de

NEVES DE ANTANHO

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Côrte de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Sóror Violante do Céo. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado . . . . . **12$50**
Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiros

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

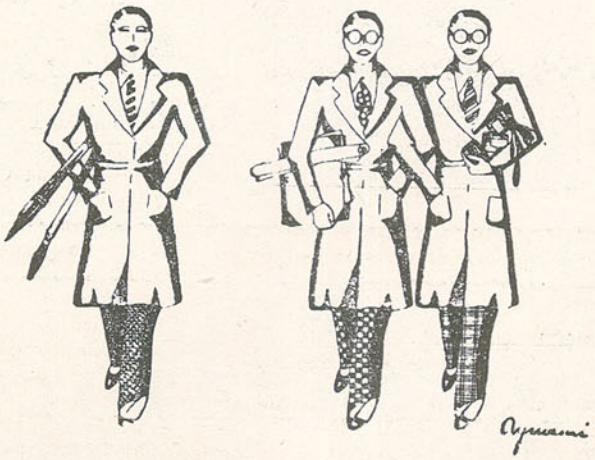
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TITÚLOS DOS CAPÍTULOS:
O capote do Snr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . **12$00** enc. . . **17$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES
IMPRESSORES



TELEFONE 2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar físicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL

CASUIDICA E DOUTRINA

Pelo **Prof. SOBRAL CID**

Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra — Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do **Prof. Azevedo Neves**

1 vol. de 238 pág., formato 23×15, broc. **Esc. 25$00** = Pelo correio à cobrança **Esc. 27$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

à venda o 3.º milhar

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o «Greco» — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata . . . . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **14$00**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND,** *73, R. Garrett, 75* — LISBOA

À venda a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA
Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**
2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24$00
Pelo correio à cobrança, Esc. **27$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... **15$00**
Pelo correio, à cobrança ..... **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado
6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS
DE
JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são impereciveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Em tomos de 32 páginas, cada tomo ... 10$00
Cada vol., brochado ... 120$00
„ „ encadernado em percalina ... 160$00
„ „ „ „ carneira ... 190$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

Enquanto V. Ex.ª se despe...

O Esquentador VACUUM N.º 1 prepara-lhe um banho de 100 litros de água com o consumo insignificante de 1 decilitro de petróleo.

Modelos com e sem chuveiro, para banhos quentes e frios.

Funciona como qualquer fogareiro de petróleo.

USAR SEMPRE PETROLEO VACUUM SUNFLOWER

ESQUENTADOR VACUUM

1572